

**UNIVERSIDADE ESTADUAL “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - FCHS**

MARIA LORRANA MELQUIADES DOS SANTOS

**SANKOFA: O RETORNO ANCESTRAL COMO
CAMINHO NECESSÁRIO**

**FRANCA/SP
2022**

MARIA LORRANA MELQUIADES DOS SANTOS

**SANKOFA: O RETORNO ANCESTRAL COMO
CAMINHO NECESSÁRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Serviço Social, área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, da Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho- Campus de Franca, como requisito parcial para a Obtenção do grau de Bacharel no curso de Serviço Social.

Orientador: Profº Drº Dagoberto José Fonseca

**FRANCA/SP
2022**

S237s Santos, Maria Lorrana Melquiades dos
Sankofa : O retorno ancestral como caminho necessário /
Maria Lorrana Melquiades dos Santos. -- Franca, 2022
91 p. : il., fotos

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Serviço
Social) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade
de Ciências Humanas e Sociais, Franca
Orientador: Dagoberto José Fonseca

1. Afrocentricidade. 2. Ancestralidade. 3. Colonialidade. 4.
Oralidade. I. Título.

MARIA LORRANA MELQUIADES DOS SANTOS

**SANKOFA: O RETORNO ANCESTRAL COMO
CAMINHO NECESSÁRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como pré-requisito para obtenção do Título de Bacharela em Serviço Social.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Profº. Drº. Dagoberto José Fonseca

1º Examinador: Profª Me. Debora Oliveira Ramos

2º Examinador: Profª Drª Tais Pereira Freitas

Suplente:

FRANCA, 25 de Janeiro de 2022

*Dedico este trabalho que pari a cada
ancestral que veio antes e virá depois. Que
continuemos sendo correnteza por onde for.
Asè!*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu Ori (cabeça), por ser sábio, fazer boas escolhas, por me mostrar caminhos. O Ori da Vencedora Vencerá! Asè!

A Esú e peço licença, para abrir meus caminhos, lembrar-me de que sempre que existem caminhos novos a serem criados ou antigos a serem retomados. À Osún, dona de meu Ori, por me munir de sonhos, dengo, determinação e me mostrar que minha maior riqueza é a que vem de dentro de mim, e que eu sempre vou brilhar, com a simplicidade e riqueza de minha grande mãe; À Oyá, por me nutrir de coragem e proteção, por me ensinar a importância do movimento e das trocas. A Odé por me mostrar como caminhar enquanto comunidade, e ser flecha certa. A Obaluaiê, por me acolher em suas palhas, por me manter saudável diante de um mundo colonial que tenta me destruir. A Ogun, por me nutrir com sua força e poder de criação, para que eu nunca deixasse de ter força nas batalhas e saber escolher elas. A Osayin, por me nutrir com suas folhas, e levar toda a dor embora, ensinando-me que saber ancestral é poder. A Osumaré, por me ensinar quando iniciar ciclos e romper outros, para que assim eu caminhe sem ressentimentos. À Yewa, por me lembrar da conduta ancestral e de que isso nos leva à prosperidade. A Iroko, por me ensinar que devagar também é tempo e que viver o presente necessário para caminhar com leveza no Ori, sem deixar marcas. À Obá, por me ensinar quais batalhas lutar e quais me retirar, preservando meu Ori grandioso. A Ayrá, por me trazer a tranquilidade no caminhar. A Xangô, por me ensinar o compromisso com a verdade em meu caminhar e que a justiça ancestral sempre virá. À Yemonjá, grande mãe que me acolhe em seu grande útero e cuida de minha cabeça. À Nanã, por me nutrir de sabedoria ancestral e saber quando iniciar e encerrar ciclos. A Bábá Oxalá, por me ensinar que devagar também é tempo e que quem respeita o tempo recebe o melhor que o tempo tem.

Além disso, adupé (obrigado) a minha Iyá Neide Ribeiro de Oyá, por me acolher como sua filha. Por me lembrar da estrela que brilhava em mim, e que minha caminhada é carregada de asè. Não existem palavras para agradecer mãe eu a amo muito. Como a senhora diz: "O asè só se sente e não se explica".

Adupé a Iyá Osuniwe, a Iyá Oyarinu, Iyá Sangoranti e Babá Paulo Ifatide Ifamoroti, pelo

dengo ancestral, grandeza e tanta sabedoria.

Adupé a minha casa, Egbe Awo Asé Iya Mesan Orun, por me permitir retornar ao grande útero ancestral de África, por tanto me ensinar com irmãos, irmãs, mães e pai tão grandiosos que tenho.

Agradeço a minha avó, Eurides Melquiades dos Santos, por seguir me nutrindo de seu dengo, por ser uma grande ancestral que nunca solta minhas mãos. Obrigada por me ensinar a caminhar sem constrangimento, por rir para a vida melhorar, eu a amo muito. Agradeço a minha mãe Maria Leonita Melquiades dos Santos e a meu pai Regivaldo Melquiades dos Santos. Amo-os muito, obrigada por tudo.

Agradeço a Ana Júlia e Artur Müller sobrinha e sobrinho que me lembram de ser dengo. Suas existências são grandiosas e eu amo vocês e sei que serão grandes ancestrais.

Agradeço profundamente à minha tia avó Cristina e à minha bisa Bastiana. Por durante minha jornada sempre me ensinarem tanto sobre o poder da oralidade.

Agradeço a minha tia avó Lúcia, que é hoje uma ancestral, mas que segue me nutrindo. Dedico a meu irmão José Leonardo, a meus primos Dário e Xirlan. Que as grades não consigam parar seus sonhos. Eu os amo imensamente.

Agradeço a Stefanie Lorraine e Pedro, vocês são grandiosos, eu os amo!

Agradeço a Paula Eduarda, por trocas tão recíprocas e verdadeiras, por tanto dengo pretinha. Eu a amo muito rainha.

Agradeço a Tais Pereira de Freitas, por em meu primeiro ano me dizer que deveríamos contar nossa própria história em vez de brancos. E por todo dengo que se aprofundou nessa relação linda.

Agradeço a Terezinha, minha irmã, por estar em minha vida, por tantas trocas e potência, por acreditar em mim e caminhar comigo. Eu a amo e a admiro demais.

Agradeço a Lilian Greice de Paula, pela acolhida assim que cheguei, por ser uma irmã tão grandiosa e sábia. Admiro demais e a amo.

Agradeço a Lucas Carvalho e Felipe Takahashi por terem construído comigo mais do que uma gestão. Mas por serem de verdade relações de troca e reciprocidade, eu acredito na potência de vocês e os amo demais. Cheguei aqui, porque não caminhei sozinha e vocês estiveram comigo. Lembraram-me do que é construir junto e são os grandes frutos que levo desse espaço para a vida.

Agradeço a Jaqueline Silva Ayello, por chegar e construir comigo uma comunidade tão bonita e verdadeira, profunda como as águas. Por sempre me nutrir de denço e incentivos na caminhada, por acreditar em mim mesmo quando eu duvidei e me estender sua mão, quando eu não conseguia ficar de pé. Irmã você é a realização do sonho de nossos ancestrais. Asè, irmã! Amo você!

Agradeço a Well, Cleyton, Livia, Katthelyn, Leticia, Jackline, Jaqueline Firl Silveira, Willy, Vânia Motta, Mayleh Ribeiro, Fernanda Gomes, Angela Carvalho por terem sido acolhida e denço em espaços tão racistas, por estarem ao meu lado e me apoiarem.

Agradeço a Flávia Cristina, Lisandra e Ana, irmãs vocês construíram comigo acolhida e denço, eu as amo e admiro!

Agradeço ao Coletivo As Pretas de Franca, pela acolhida e por durante muito tempo potencializarem a caminhada coletiva e em comunidade.

Agradeço ao Nupe Franca, que foi o único espaço nessa universidade que me fez saber que era inteligente e potente. Agradeço e peço que a jornada de quem vier seja abençoada e nutrida. O Nupe me nutriu de amor próprio e coragem epistêmica.

Agradeço a Ayni Estevão de Araújo e Geander Barbosa das Mercês, que ao existirem sem nenhum constrangimento, com tanto denço me acolheram e potencializaram em diversos momentos, eu os amo.

Agradeço a Tahina Tátilla, que foi a primeira pessoa preta a me receber nesse espaço e que em tantos momentos me acolheu e trocou comigo.

Agradeço a Hugo Rodrigues da Silva, preto você é acolhida e comunidade para mim, Modupé, pelas trocas recíprocas e por me ensinar tanto sempre, por me arrancar sorrisos sempre! Asè!

Agradeço ao meu orientador Dagoberto José Fonseca, por ter me acolhido como sua filha, por ter acreditado em mim em momentos que eu mesma duvidei. Que Osún cubra sua caminhada de denço.

Agradeço a Obirin Odara, Sueide Kintê e Babá Sidnei Nogueira por me mostrarem que existiam outros caminhos a serem trilhados. Caminhos para além das teorias brancas e práticas racistas que a universidade tentou me impor.

Agradeço a Omoloji Agbará, por me trazer questionamentos importantes e fortalecer na caminhada de cura ancestral. Sua existência é grandiosa demais meu irmão. Asè!

Agradeço a Akilah Raawiya, pela coragem em mostrar os caminhos da verdadeira história do povo preto, por caminhar enquanto comunidade e não desistir da jornada. Asè, irmã!

Agradeço a Abdias do Nascimento, por todos os ensinamentos grandiosos que me nutriram para não desistir da caminhada. Por dizer sem medo o que precisava ser dito. Agradeço a cada pessoa preta, que contribuiu em meu caminhar, cada vez que eu caí e que me levantaram. Dedico este trabalho que pari em meio a tanta dor que a universidade me causou, em tanto atravessamento racista. Mas que é carregado de asè. Pois sendo filha de Osún e protegida por Oyá, a coragem, determinação e os sonhos foram maiores que o racismo. E espero que essas palavras estejam sempre carregadas desse asè e do compromisso ancestral com a mesma. Que minha comunidade saiba que existem caminhos, que nossa jornada enquanto povo é de honra e grandiosidade. Que sejamos denço e correnteza, que não permitamos que sujem nossas águas. E sempre encontraremos caminhos para romper com o que nos violenta. Podem tentar aprisionar nossos corpos, mas nosso Orí jamais será aprisionado. Que nossos caminhos sejam sempre abertos. Asè! Yê Yê Ô Osún!

*"Pra que você chegasse até aqui
Muita água já rolou
Apesar das barreiras
Muita gente teve que ser correnteza
Pra que você chegasse até aqui
Seus ancestrais foram correnteza
E se em algum momento você não tiver forças
Pra ser correnteza
Lembre-se que um dia será um ancestral
E que a água sempre encontra um caminho"
(ELNIÑO, THIAGO, 2021)*

Santos. Maria Lorrana Melquiades. **SANKOFA: O RETORNO ANCESTRAL COMO CAMINHO NECESSÁRIO**. 2022. 92f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Serviço Social) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2022.

RESUMO

Esta monografia de conclusão de curso em Serviço Social tem por objetivo desvelar a colonialidade, e trazer para o xirê os caminhos que estão para além do mundo colonial. Mundo esse que aprisiona, violenta e mata as pessoas africanas. Através das perspectivas afrocentradas, que foram construídas por pessoas africanas. Entendendo-se que as teorias brancas são insuficientes e retratam historicamente as discussões de raça como um recorte da realidade apenas. Colocando assim as pessoas africanas, como descentralizadas das discussões, e em posição de objeto apenas. Enquanto os brancos permanecem como o centro de tudo e dominando o mundo colonial. A partir da perspectiva de oralidade como metodologia, que é transformada em palavras escritas nos livros, em músicas, documentários, filmes, nas pinturas e poesias. Carregada do compromisso ancestral busca-se romper com os trabalhos cartesianos coloniais, que levam em consideração somente os conhecimentos livrescos brancos. Construindo assim a continuidade de caminhos para quem vier depois, esse trabalho é o desaguar da correnteza. E pretende-se lembrar que existem caminhos sendo construídos pelos povos africanos, buscando assim a continuidade e movimento da ancestralidade nas trocas do mercado. Asê.

Palavras-chave: Afrocentricidade. Ancestralidade. Colonialidade. Oralidade.

ABSTRACT

This course conclusion monograph in Social Work aims to reveal coloniality, and to bring to the xirê the paths that are beyond the colonial world. A world that imprisons, violates and kills African people. Through Afrocentric perspectives, which were built by African people. It is understood that white theories are insufficient and historically portray the discussions of race as a cut of reality only. Thus placing African people, as decentralized from discussions, and in the position of object only. While whites remain at the center of everything and dominating the colonial world. From the perspective of orality as a methodology, which is transformed into words written in books, songs, documentaries, films, paintings and poetry. Loaded with ancestral commitment, it seeks to break with colonial Cartesian works, which only take into account white bookish knowledge. Thus building the continuity of paths for those who come later, this work is the flow of the current. And it is intended to remember that there are paths being built by African peoples, thus seeking the continuity and movement of ancestry in market exchanges. Asé.

Keywords: Ancestry. Afrocentricity. Coloniality. Orality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 DIALÉTICA DE EXU E O COMPROMISSO COM A PALAVRA.....	17
2 COLONIALIDADE E A MAAFA DO POVO PRETO.....	22
3 MODERNIDADE E A PROMESSA DE SALVAÇÃO COLONIAL BRANCA.....	33
4 CISÃO DE DOIS MUNDOS E A DESTRUIÇÃO DE NOSSO POVO.....	40
5 RACISMO E APROPRIAÇÕES DE NOSSAS TRADIÇÕES.....	49
6 DESVELANDO A FARSA COLONIAL E DESCOLONIZANDO.....	58
7 AFROCENTRICIDADE.....	65
8 QUILOMBISMO.....	70
9 MULHERISMO AFRICANA.....	73
10 OSÚN E AS ÁGUAS QUE CORREM. SEJAMOS CORRENTEZAS!.....	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
REFERÊNCIAS.....	86

INTRODUÇÃO

Essa monografia de conclusão de curso em Serviço Social, tem como principal objetivo desvelar o que é a colonialidade, e alguns dos caminhos que a mesma se utiliza para mascarar sua existência. Para assim trazer para o xirê caminhos que tenham sido pensados e construídos pelos povos africanos. Caminhos que envolvem um retorno ancestral para olhar o passado e rever o presente, construindo assim o futuro. Tendo como metodologia a oralidade, e a afrocentricidade, entendendo o compromisso em parar de buscar as respostas no mundo branco. Aqui serão trazidas referências africanas, entendendo a importância de romper com os ciclos coloniais.

Ciclos coloniais (Kilomba, 2019), são o reviver o ciclo de colonização dos povos africanos, sendo colocados numa posição de quem existe pelo branco. Sendo tratados então e assumindo uma posição de objeto e outro. Modificando esse ciclo e nos colocando enquanto povos que detém poder e constroem vários caminhos de existência. E mostrando que nossa existência não é apenas para resistir ao racismo e que existimos para além disso. Na diversidade de poesias, pinturas, músicas e documentários de nosso povo. Nos terreiros, sambas, raps nossas culturas permanecem vivas.

Escrever uma monografia como essa, no curso de Serviço Social é cumprir com aquilo que a afrocentricidade me pede. Num curso que nasce da caridade, da ideia de salvar o outro que seriam os povos africanos e que mesmo rompendo com muitos conceitos e práticas violentas. Ainda segue sendo extremamente violento e colonial, se utilizando de referências racistas e as defendendo. Se colocando num lugar distante da realidade dos povos africanos, numa ideia colonial de salvar pessoas africanas, onde somos colocados como um recorte da realidade, ou em uma falsa universalidade. Assim como Nascimento(2016) questiono como poderia uma teoria branca e construída por racistas se pretender universal. Como ela poderia falar sobre nós africanos, se foi ela quem contribuiu para nossa escravização? Não aceitando o lugar de desagência que as teorias brancas nos colocam, entendo a importância desse trabalho. Ele é também uma denúncia de tudo aquilo que precisa ser rompido e é reproduzido nesse curso. Busco que nos coloquemos em lugar de agência de

nossas existências africanas. Tendo como referências Asante(2009) um dos conceituadores dessa epistemologia de afrocentricidade, que nos lembra de que somos africanos, seja dentro ou fora do continente africano. E que precisamos nos colocar enquanto agentes de nossas histórias. Assim como Abdias do Nascimento(2016, 2021) que foi grande inspiração para Asante. Tratando de oralidade Amadou Hampâté Bâ(2010) é uma das principais referências a que recorro. Logo, entendendo a oralidade como uma tradição viva, e me entendendo enquanto centralidade me retiro do lugar de desagência. Enuncio que escrevo esse trabalho em primeira pessoa, pois todo mundo fala de algum lugar. Sem nenhum constrangimento escolhi nomear e dizer abertamente que o faço. Rompendo com a ideia colonial branca de suposta neutralidade da ciência branca(Kilomba, 2019). Não pretendo assim como (Nascimento, 2016), me retirar daquilo que escrevo para corresponder e agradar os brancos e nem a universidade. Minha escrita será carregada de asê e nutrição para minha comunidade. Não sendo um recorte da realidade, não poderia me retirar desse trabalho que pari, afinal sou inteira e agente dele. Buscando saberes ancestrais, construídos pelos povos africanos, e fazendo assim com que as nossas histórias sejam contadas, a partir das nossas existências. O caminho envolve, falar em tópicos, pois tudo faz parte de um todo. De histórias que devem ser contadas, de correntezas que devem fluir.

Assim, começarei falando sobre Exu para pedir a abertura de caminhos e que a comunicação flua. Trarei a encruzilhada e o que é a colonialidade e assim como as estratégias que a mesma se utiliza para violentar os povos africanos. Colonialidade segundo (Ramos,2019), é aquilo que possibilita a execução do projeto colonial, que impõe a supremacia branca econômica e política partidária. Ao mesmo tempo em que tenta nos inferiorizar enquanto povos africanos por meio de diversos meios e espaços. Sendo importante trazer que nós construímos poder na existência e vivência de nossas culturas. Entendo-me aqui enquanto africana como Asante(2009) e Nascimento(2020) nos ensinam. Falarei sobre a cisão de mundos que vivenciamos ainda no século XXI, no âmbito econômico e político e quem foi colonizado e colonizador nesses espaços. Porém mostrando que nos terreiros, sambas, raps, nas ruas, nas feiras, em cada capoeirista e espaços construídos por nosso povo, somos

quem tem poder. Entendendo assim que a centralidade não é a economia e sim as culturas como Dove(2019) nos ensina. O colonialismo tem diversas formas e facetas, e mostrar que existem caminhos construídos pelos nossos ancestrais é parte da jornada. Para que possamos sonhar e existir de outras formas. Asè e boa leitura!

1 DIALÉTICA DE EXU E O COMPROMISSO COM A PALAVRA

"Exu
tu que és o senhor dos
caminhos da libertação do teu povo sabes daqueles
que empunharam teus ferros em brasa
contra a injustiça e a opressão Zumbi, Luiza Mahin,
Luiz Gama Cosme Isidoro, João Cândido,
sabes que em cada coração de negro há um
quilombo pulsando
em cada barraco outro palmares crepita
os fogos de Xangô iluminando nossa luta atual e
passada
Ofereço-te Exu
o ebó das minhas palavras neste padê que te
consagra não eu
porém os meus e teus irmãos e irmãs em Olorum
nosso Pai que está no Orum
Laroiê!"- (Nascimento, Abdias, 1981, Padê de Exu
Libertador.)

Peço licença a Exu, para iniciar esse trabalho para que o grande senhor das trocas e dono da encruzilhada, cuide de meus caminhos. Antes de tudo decido falar sobre Exu, pois ele é o grande orixá que abre os caminhos e inicia os trabalhos nas nossas tradições africanas de terreiro. Segundo o Babalorixá Sidnei Nogueira (2020, p. 52):

"No centro do mercado está Exu Olojá – o senhor do mercado, divindade de toda a sorte de trocas (econômicas, sexuais, emocionais, corporais, orgânicas e inorgânicas, linguísticas e afins), dos caminhos e guardião das casas, cidades e do corpo como um ilê. É preciso destacar que os mercadores das cidades iorubá oferecem sempre uma parte dos seus lucros a Exu, a fim de garantir que este nunca deixe de providenciar novas boas trocas, ou seja, para que a capacidade de troca nunca deixe de estar presente. Os viajantes também oferecem sacrifícios ao senhor do mercado com o objetivo de obter sua proteção durante a jornada. Quando necessário, a oferta é feita para que, do centro da encruzilhada, Exu indique o melhor caminho a ser seguido."

Sendo assim, importante trazer o compromisso com a comunidade e com a palavra que esse orixá nos ensina. Nossas ações cotidianas tem ancestralidade e orixalidade, não me vejo separada e repartida de minha tradição e por isso entendo que falar sobre orixalidade é saber ancestral africano.

Nathalia Grilo (2020) no documentário "Mercados Tradicionais Africanos", apresenta-nos o conceito iorubá, que acredita que aqui não é nossa casa e sim onde viemos ao mercado. E que nós estamos aqui para fazer trocas, para negociar de forma recíproca. O mercado para nós não é lugar de roubo e acumulação de riquezas em detrimento da dor de outros. Trazendo também o conceito das Iyalodês, aquelas que são líderes das africanas. Com Yemojá nossa grande mãe ancestral, Oyá a mãe do mercado que perpassa por 9 ambientes como Esú e garante as trocas e movimentações e Osún aquela orixá que vê além. Mostrando assim que pensando na encruzilhada a vivência nesse mundo se dá de outra forma, e que o feminino ocupa um lugar de muito poder.

Dialogando assim com Nogueira(2020), sigo um caminho diferente do que a colonialidade, que será aprofundada nos próximos pontos coloca. Não acredito que

exista um caminho único a ser trilhado, não acredito na binariedade entre esquerda e direita, pois ela anula que existem caminhos diversos africanos sendo construídos. Uma colonialidade, que segundo o autor visa destruir e afastar a ancestralidade, separando assim nossa existência daquilo que nos nutre e movimenta. Por ancestralidade entendo a continuidade africana, que enquanto tivermos nosso nome lembrado seremos continuidade (Lopes, 2021) e aqui me refiro somente a nós pessoas pretas. Baseando-se em Molefi Asante(2009), no entendimento de que somos continuidade. E que pessoas brancas caminham ainda num sentido de destruição e manutenção do mundo colonial. Elas podem ter antepassados, mas continuidade para se ter, precisa de caminhada em comunidade e ser lembrado movimentando o asè. O Asè é a energia vital construída em comunidade, a energia que transforma e cria. (LOPES, 2021).

O conservadorismo não suporta a diversidade da encruzilhada e a controvérsia de Exu, porque sobrevive em, por meio de e com um único caminho. Onde já se viu, na sociedade que vive da punição, da tortura e do encarceramento, se conceber a possibilidade de uma lógica exuística, na qual um erro possa vir a ser um acerto? No conservadorismo não há possibilidades. Na mentalidade conservadora, as trocas e as possibilidades do mercado são temidas. Tudo o que importa é estar certo, é controlar as possibilidades de ser no mundo, é evidenciar poder por meio de certezas únicas, mesmo que essas certezas sejam a negação da vida do outro. Trata-se sempre da negação da diversidade: corpos pretos, corpos femininos, corpos dos povos originários do Brasil, corpos que rompem com um parecer/ser masculino, corpos infantis, corpos velhos, corpos homossexuais, corpos transgêneros, corpos que sentem, corpos que são, corpos visíveis, corpos que representam e traduzem neles mesmos a própria existência da encruzilhada e dos caminhos possíveis, corpos que são existências/resistências políticas. Poderá mesmo um corpo existir em negação ao que lhe fora determinado por um sistema hegemônico-padrão-conservador-controlador-prisão? Pode um corpo existir fora de uma prisão criada pelo biopoder?. (NOGUEIRA, 2020, p. 62).

Exu nos mostra que ao viver na encruzilhada sempre existirão caminhos a serem trilhados. Rompendo totalmente com a ideia colonial cristã que nos ensina que ao casar precisamos viver para sempre com alguém que nos atravessa. Construo o conceito de atravessar como aquilo que busca violentar nossas jornadas, não apenas num sentido físico mas também espiritual. Em outras palavras, aquilo que

passa por cima de quem somos e de nossas jornadas. Seguindo, acreditar que só existe uma forma de se relacionar que é monogâmica, que só existe uma forma de se amar, e metas únicas que dizem o que é vencer na vida. A exemplo disso, vi histórias se repetindo ao meu redor, em que pessoas pretas permaneciam em relações violentas por serem convencidas que mereciam aquilo. Por ouvirem que deveriam aceitar tudo porque um deus branco quis. A ideia de que devemos ser bons ou maus apenas, e que devemos sempre perdoar. O que afinal nos coloca num lugar de superioridade ao ponto de perdoar alguém?

Olho como a contradição que erra e acerta ao mesmo tempo, mas nego a ideia de que o sofrimento é o caminho que meus ancestrais querem para mim e meu povo. Exu ensina que quando damos algo e não recebemos nada em troca estamos sendo roubados. Por isso, o princípio de reciprocidade me retira daquilo que me atravessa, que rompe meu amor próprio e por minha comunidade.

Exu também é aquele que é responsável pela palavra, e a palavra é carregada de compromisso ancestral para os povos africanos. Segundo Hampatê Bá (2010) e Nei Lopes (2021) a palavra muito antes de estar escrita nos livros foi falada e trocada por nossos ancestrais. Sejam memórias coletivas ou individuais, elas foram construídas e trocadas. A palavra ao ser ecoada é carregada da energia vital africana, o asè, segundo os iorubás. O movimento de desconsiderar tudo que não está nos livros é racista e logo colonial. Afinal, as histórias são repassadas através da oralidade nas tradições africanas. Entendendo que temos o compromisso com ela, com o que a mesma pode causar. Logo devemos ter responsabilidade com a palavra. Pois ela diz muito sobre quem somos e sobre nossa comunidade também.

Ainda segundo Hampatê Bá (2010), aos poucos esse compromisso com a palavra foi sendo rompido. Dando lugar somente a importância de assinaturas, títulos universitários e conhecimentos livrescos. A sociedade colonial coloca a palavra como algo sem importância, ao dizer inverdades até mesmo em seus livros. Contando, assim as nossas histórias e de nossos ancestrais de forma mentirosa. Rompendo assim o compromisso com a comunicação de Exu. A tradição oral africana está para além dos livros, ela é sobre vivência cotidiana.

Logo, enuncio aqui que minha existência é sem nenhum constrangimento

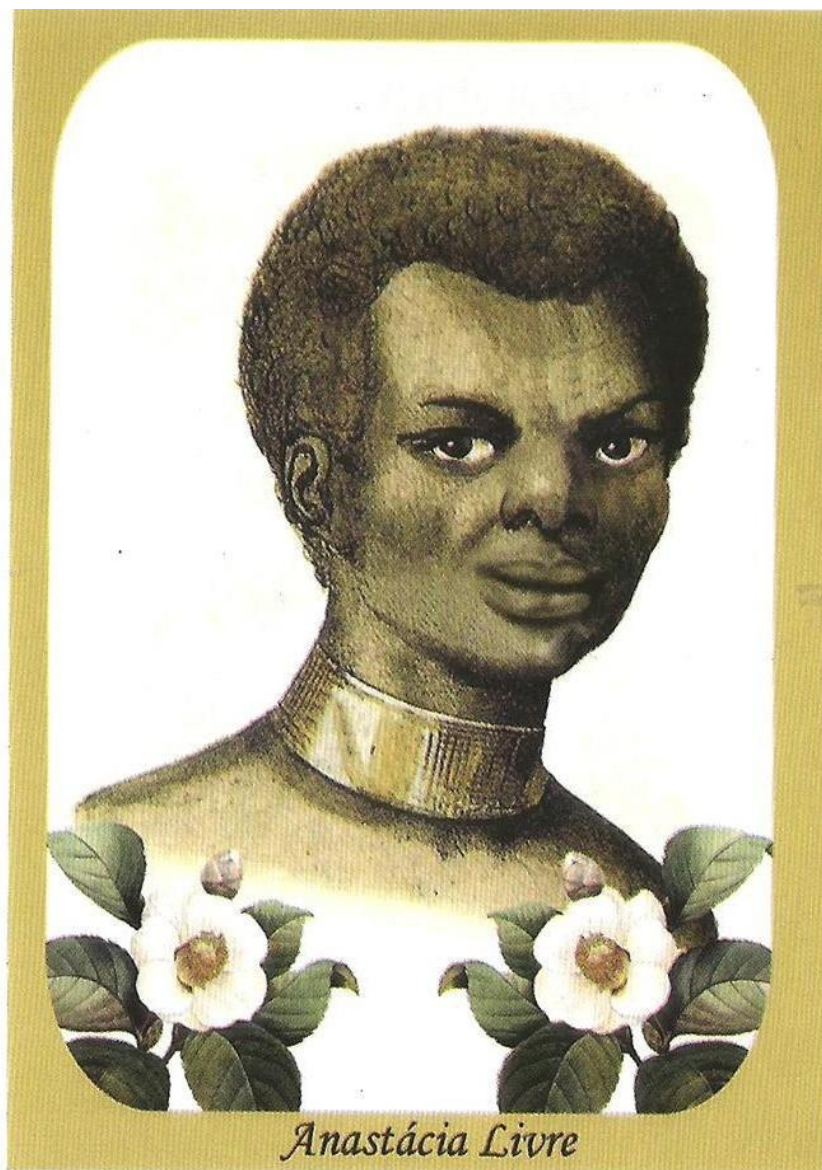
como Exu ensina. E que meu Ori não será receptáculo de dores e contra asè, coloco meu compromisso ancestral de dizer e contar minha história, de caminhar enquanto comunidade. Mostrando outros caminhos e outras formas de viver para além do mundo colonial proposto pela supremacia branca. Por isso falo em primeira pessoa, pois não me retiro daquilo que escrevo. Finalizo essa parte com mais uma citação de Nogueira (2020, p. 64-65)

[...] a lógica exuística não é branca e não se pretende hegemônica. Não é uma lógica de mão única, dogmática e de verdades absolutas. Se Exu se zanga e pisa nessa pedra, ela põe-se a sangrar. Agora a pedra está sangrando. Exu teve de pisar na pedra que foi colocada em nosso caminho. Exu aborreceu-se e, quando aborrecido, ele se senta na pele de uma formiga. A formiga não pode suportar seu peso e esta tem sido a aflição da sociedade branca. Exu sentou-se em sua pele. Ele é a controvérsia. A controvérsia, o paradoxo, o oxímoro são insuportáveis a uma sociedade que quer controlar homens e mulheres, que, ao serem manipulados, devem renunciar à sua capacidade de decidir. A encruzilhada nega a opressão e a alienação porque permite que as pessoas façam seu caminho com autonomia. Exu é aquele que deu seu grito sem mexer uma só corda vocal. Um grito estridente sem abrir a boca e agora teremos de retornar para a nossa episteme-encruzilhada-origem.

Retornemos assim para o centro dessa encruzilhada e não nos esqueçamos de que os caminhos estarão sempre abertos, para conhecer novas formas de existir e viver africanas. Asè! Laroyê, Exu!

2 COLONIALIDADE E A MAAFA DO POVO PRETO

RETRATO 1 — Monumento à voz de Anastácia



Fonte: Yhuri Cruz (2019)

Inicio essa parte trazendo a obra de Yhuri Cruz, um artista preto carioca, que nos lembra que por mais que tentem amordaçar nossa boca, aprisionar nossos corpos e Oris. Nós iremos seguir lembrando que nossa história é sobre ancestralidade e poder. Sendo assim, a colonialidade a história do que os brancos fizeram e não de quem somos e nem nossa sina.

Segundo Nogueira(2020, p. 64):

A colonialidade do poder refere-se à dominação por meios não exclusivamente coercitivos. Não se domina apenas por meio da violência; muito pelo contrário, esta forma de dominação não se limita em reprimir fisicamente os dominados, mas também de conseguir naturalizar o imaginário europeu como única forma de relacionamento com a natureza, com o mundo social e com a própria subjetividade, ou seja, está-se diante de uma colonização epistêmica.

Para compreender mais ainda ao que me refiro quando digo branquitude, trago para o diálogo Adilson Moreira(2019, p. 30-31):

O que chamaremos de branquitude e de negritude são duas formas de identidade historicamente produzidas a partir de alguns fatores importantes. A primeira tem origem na hegemonia que a cultura europeia passou a ter ao longo dos últimos séculos em função da escala mundial do projeto colonial. Esse processo permitiu que o sistema econômico, os valores religiosos, a estrutura política e a tradição cultural dos países europeus se tornassem parâmetros universais.

O autor evidencia que a branquitude é a identidade das pessoas brancas que é negada e não nomeada, colocada apenas como ser universal é aquela a quem responsabilizo pela colonialidade. E chamo a atenção de antemão para os cuidados em transformar o debate de que o racismo é estrutural para a negação e desresponsabilização dos povos que construíram essa estrutura.

Grada Kilomba (2019) vai trazer em sua obra o quadro de Anastácia amordaçada, para explicar a relação com o silenciamento de nosso povo. Ela relata que essa máscara era composta por metal colocado na boca de nossos ancestrais, instalada entre a língua e o maxilar, sendo fixado por duas cordas em torno do queixo, nariz e testa. A história contada é que ela era utilizada para impedir que africanas e africanos comessem alimentos das plantações. Mas ela alerta que para

além disso, ela teve a função colonial de silenciar e torturar nosso povo. Causando assim a negação do que os escravizadores brancos, poderiam ouvir se a máscara fosse retirada. Se recusando assim a assumir que não somos nós os africanos e africanas que roubam ou invadem nada. Nas palavras de Kilomba (2019, p. 37):

O sujeito negro torna-se então tela de projeção daquilo que o sujeito branco teme reconhecer sobre si mesmo, neste caso: a ladra ou o ladrão violenta/o, a/o bandida/o indolente e maliciosa/o. Tais aspectos desonrosos, cuja intensidade causa extrema ansiedade, culpa e vergonha, são projetados para o exterior como um meio de escapar dos mesmos.

Sendo importante lembrar que fugindo da ideia colonial de que somente a boca fala ou os olhos como Oyèrónkẹ Oyěwùmí(2021) nos alerta. A autora denuncia que o corpo no mundo colonial é tratado como se fosse o interno da pessoa. Quando na verdade é só uma parte da superfície, temos muito mais profundidade. E a partir disso retrata que o ocidente coloca a leitura de mundo a partir de caminhos biológicos como a que deve prevalecer. Colocando, assim, a diferença como degeneração e outridade. O corpo se torna a constituição desse mundo ocidental, então se pressupõem as crenças e posição social que as pessoas devem ocupar a partir dele. Logo, as percepções africanas sobre o mundo, que envolvem segundo a autora outros sentidos além da visão. São colocados num lugar de inferioridade e não cientificidade. Nossa existência toda sempre ecoou de diversas formas a luta contra o colonialismo. Mas apesar disso façamos a relação de que atualmente não se utilizam mais as máscaras físicas para que nossas vozes não ecoem. A colonialidade vai nos ensinar a silenciar ou ensurdecer nossas existências.

Trago aqui o conceito de colonialidade que é trabalhado tanto pelo autor Aime Cesaire (2020), quanto pela autora Débora Oliveira Ramos (2019). Compreendo colonialidade como nada mais que violência, sendo o processo de tentativa de destruição e inferiorização das culturas africanas. Assim, sendo importante o processo de nomear de quem estou falando. Os povos brancos são responsáveis pela destruição não somente física mas espiritual de nossas culturas. Sendo então um projeto para colonizar, ou seja, ditar a forma de ser e existir para os povos africanos. Nas palavras de Ramos (2019, p. 7),

No Brasil coexistem dois mundos – opostos e complementares: o mundo branco e o mundo negro. Esta separação é produto da colonização que instituiu no país uma cisão na humanidade, subdividindo-a entre o humano – branco – e o Outro – negros e indígenas. Firmados na figura do colonizador e do colonizado e, sob os ditames do sistema escravista, na figura do senhor de engenho e do escravizado, se constituíram as classes antagônicas racializadas no sistema econômico vigente.

Ramos (2019, p. 7) também cunhou o conceito de dispositivo de colonialidade que segundo ela seria:

[...] o conceito de dispositivo de colonialidade. Entendemo-lo enquanto um termo teórico que nos auxilia para compreender aquilo que, em rede, fornece à modernidade a execução do projeto colonial - sendo este guerra racial e imposição da supremacia branco eurocêntrica. Tendo essa cisão como fundamento da sociedade brasileira, consideramos que as políticas sociais propostas pelo Estado moderno funcionam de maneira distinta em ambos os mundos. Em um, “faz viver”; no outro “deixa morrer”.

Dialogando com a autora, é necessário colocar que através do Estado e de diversos outros aparelhos como a escola, universidade etc. Somos ensinados o tempo todo que o branco é o ser supremo, enquanto tudo que remete aos africanos e africanas é aquilo que devemos abominar parecer. Os livros nas escolas sempre retratam a história de nosso povo como se tivesse começado na escravização. E que criança preta gostaria de se ver como africana dessa forma? Sendo sempre retratada como aquela que é açotada nos livros?

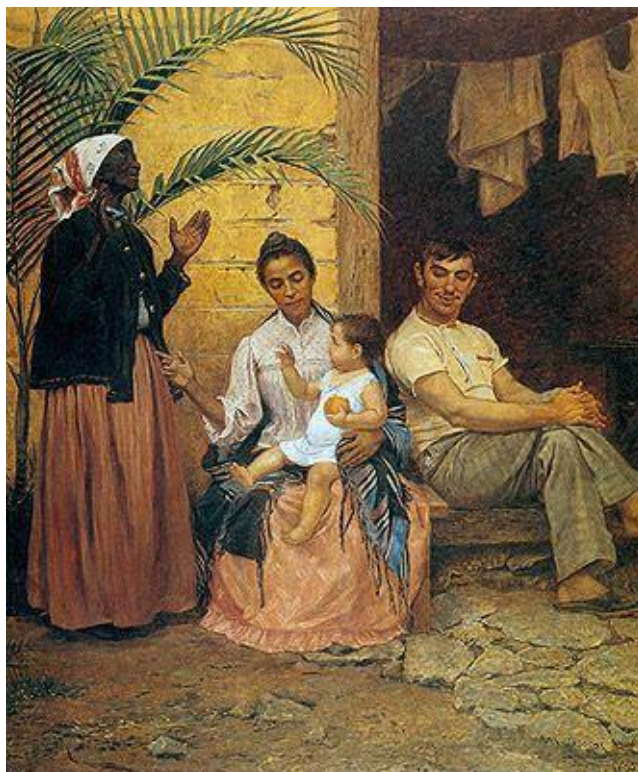
A colonialidade então é uma continuação do processo colonial de escravização. Onde através de diversas formas e dispositivos, sejam instituições ou pessoas, nos faz odiar nossa própria existência e caminhar em separação de onde viemos. Caminhar em separação de África e dos ensinamentos ancestrais africanos. Ao ponto de como Ramos (2019), lembra

Segundo Nascimento (2016), Silvio Romero um renomado literário afirmou, que a África estava nas cozinhas, América em selvas e Europa era a sala de visita. Isso já evidencia o quanto nosso sistema educacional tanto secundário como universitário, enaltece e narra a história a partir do olhar branco sempre. E que inclusive as linguagens difíceis utilizadas pelos brancos, são tentativas de se esquivar do que querem dizer. Construindo perigosamente estratégias que irão colocar os povos

africanos, em lugar de inferioridade e de quem fala de formas agressivas. Nos fazendo como Fanon (2008) denuncia em *Pele Negra máscaras brancas*, ao voltar para casa da universidade odiar e renegar nosso povo. Se sentir superior e ser domesticados através da linguagem que também é estratégia de poder. Afinal, vivemos num país onde a língua oficial é a do colonizador, e onde temos nomes que são coloniais. Tendo negado inclusive o direito de saber a qual povo pertencemos.

Existiram muitos projetos e formas de tentar destruir nossas existências. Abdias do Nascimento no livro *Genocídio do Negro Brasileiro*(2016), nos alerta sobre a tentativa de mascaramento do racismo e desse projeto colonial. O autor denuncia sem nenhum constrangimento, que o governo brasileiro em seus mais diversos cargos, tentou de muitas formas nos matar. Destaco aqui a miscigenação e trago o quadro "A Redenção de Cam"(1895):

Quadro 1 — A redenção de cam



Fonte: Modesto Brocos(1895)

A imagem da senhora mais velha e retinta que agradece aos céus, pela mulher

preta menos retinta, ter tido um filho com um homem branco é dilaceradora. Nascimento (2016), retrata em um dos capítulos o quanto as mulheres pretas eram estupradas, assim como homens pretos eram tratados como máquinas de sexo. Essas são construções sobre o corpo das pessoas pretas serem hipersexualizados e totalmente atuais. Eram, então, tanto os estupros uma forma de transformar essas crianças pretas em mercadoria na escravização, como depois uma forma de tentar embranquecer os povos africanos até que por fim desaparecessem de vez. Os brancos impediam que os povos africanos tivessem laços familiares. A falta de conseguir vivenciar o dengo sem atravessamentos e construir família deixou marcas profundas em nossas existências.

A Igreja Católica também concordava com a ideia racista de que os povos africanos tinham o sangue sujo. Nascimento retrata que autores extremamente racistas como Gobineau, afirmava que os povos africanos deveriam seguir a referência de pureza europeia, e que os brasileiros seriam inferiores pela forte presença africana no país. João Pandiá historiador e político em 1930, afirmava que em dois séculos a maldição de Cam e seus descendentes teria sido extinta. Essa crença cristã diz que os povos africanos seriam esses descendentes que carregam a marca da maldição e pecado na pele.

A democracia racial que seria uma ideia de que os povos brancos e africanos viveriam em harmonia no Brasil. Segundo Nascimento (2016), foi apenas mais uma estratégia racista de negar a realidade de genocídio que vivemos enquanto povo. Fazendo com que apesar do racismo ser crime na lei, ele ainda esteja espalhado por muitos lugares. O autor também denuncia a estratégia colonial de esperar que sejamos benevolentes com os racistas. Que aceitemos as migalhas e que falem por nós. E como esse genocídio vem sendo mascarado desde o termo "relações raciais", que tenta mascarar que o que existe é violência contra nosso povo.

Discursos que colocam o racismo no Brasil como algo mais brando são mentirosos. Pois, o autor evidencia que os padres cristãos, tinham discursos que afirmavam que nosso povo deveria agradecer por serem escravizados. E que ao se lavar nas águas de batismo ficariam mais limpos.

Enquanto nos EUA se tinham no máximo cerca de 50 ou 100 africanos

escravizados em cada engenho. No Brasil se tinham, comumente, no mínimo 200 africanos em cada engenho. Assim como se faz necessário lembrar de africanos que lutaram pela independência de um país que quando a conquistou, continuou nos escravizando. E também das inúmeras vezes em que nós africanos fomos enviados para lutar as guerras dos brancos. Enquanto os filhos dos brancos permaneciam com suas vidas poupadas e protegidas. Com a promessa falsa de uma libertação que nunca veio. Finalizo com as palavras de Mc Tha (2018):

*Liberta a tua mente pra ela não desandar
Lembra que é valente como as águas do mar
Que é tapete de serpente que dão pra nós
pisar*

*Andai com passo firme que é pra não
bampear Quem eles pensam que são pra te
apontar?*

*Não sabem da tua luta, não entendem seu
linguajar Que haja flor no seu caminho e no meu
caminhar*

Que a felicidade possa estar num olhar

3 MODERNIDADE E A PROMESSA DE SALVAÇÃO COLONIAL BRANCA

“Quando éramos recém-casados prometemos um ao outro que jamais iríamos rezar pra chover como nossos ancestrais. Dissemos que éramos pessoas modernas e que nossos filhos iriam pra escola”. (O MENINO QUE DESCOBRIU O VENTO, 2019)

Início essa parte com um trecho do filme "O menino que descobriu o vento" (2019), pois ele representa exatamente o que a modernidade quer. A africana Agnes Kamkwamba, reclama ao companheiro do rompimento combinado para caminhar rumo à modernidade. Existe uma divisão de mundos para ela, aquele que é atrasado e deve ser deixado de lado. Que envolve ancestralidade e espiritualidade africana, essa forma de existir que é colocado pelos brancos como atrasada, primitiva e pré-histórica. A exemplos de Descartes, Hegel, Engels e Marx, que contribuíram imensamente para as ideias racistas como "Penso, logo existo..."- DESCARTES.

De acordo com Ramos(2019, p. 77):

A modernização esconde e revela, num processo dialético, a expansão da cultura europeia e as instituições e representações simbólicas que nela surgem e existem como expressões da mais avançada e desenvolvida civilização. E, portanto, espelho para as demais civilizações não-europeias.

Dialogando com essa afirmação da autora, trago o filme "O que ficou para trás"(Weekes, Remi, 2020). O filme retrata a história de Bol e Rial, que são companheiros e saíram do Sudão do Sul para a Inglaterra. Ele tem dois momentos muito importantes para mim, um deles é a busca de Bol por roupas que se pareçam com as que os brancos utilizam. E outra é quando ele traz talheres e quer comer numa mesa. Rial faz o movimento de questionar tudo isso, pois seus ancestrais a ensinaram a comer com as mãos e no chão. Como ainda fazemos no terreiro ao reviver e relembrar nossa conexão com a natureza, pois somos parte dela. O mundo colonial segundo Obirin Odara (2021), página Não Me Colonize¹ envolve o que ela nomeia de Banquete Colonial.

Obirin Odara, no vídeo fala sobre Lucas Penteado, um jovem preto que

¹ Disponível no instagram através do link: https://www.instagram.com/tv/CK_czohJXtl/.

participou do reality show BBB21(Big Brother Brasil), que foi recheado de violações tanto para as pessoas pretas que lá estavam e as de fora. Após muitas torturas e violações coloniais, Lucas se retirou do programa. Para ele foi a escolha de si mesmo, o renunciar a falsa ideia de salvação e aceitação colonial. Retirar-se do banquete que escolhe poucos pretos para se sentar à mesa toda branca. Que decide o que fazemos e como vivemos, que decide quem come ou não. Pois ela é uma ilusão, enquanto existir essa mesa, e não derrubarmos ela para comer no chão. Lembrando assim, do que nossos ancestrais ensinaram e dividindo para todo mundo se alimente com qualidade. Nós iremos continuar morrendo no mundo colonial, por isso esses programas também exercem com suas imagens repetitivas poder colonial sobre nossas cabeças. Colocando-nos inclusive contra nós mesmo, rompendo a possibilidade de construir enquanto comunidade. Deixo as palavras de Racionais (2002) ecoando como resposta trazendo o quanto esse jogo é sujo:

*Hei, senhor de engenho, eu sei bem quem você é
 Sozinho cê num guenta, sozinho cê num entra a
 pé Cê disse que era bom e as favela ouviu
 Lá também tem uísque, Red Bull, tênis Nike e fuzil
 Admito, seus carro é bonito, é, e eu não sei fazer
 Internet, videocassete, os carro loco
 Atrasado, eu tô um pouco sim, tô, eu
 acho Só que tem que
 Seu jogo é sujo e eu não me encaixo
 Eu sou problema de montão, de Carnaval a
 Carnaval Eu vim da selva, sou leão, sou demais
 pro seu quintal Problema com escola eu tenho mil,
 mil fita Inacreditável, mas seu filho me imita
 No meio de vocês ele é o mais
 esperto Ginga e fala gíria; gíria não,
 dialeto Esse não é mais seu, oh,
 subiu
 Entrei pelo seu rádio, tomei, cê nem viu
 Nós é isso ou aquilo, o quê? Cê não
 dizia?
 Seu filho quer ser preto, ah, que ironia. (Racionais, Negro Drama, 2002).*

Essa ideia nos é vendida como algo que revoluciona e nos retira enquanto "humanidade" da suposta "Idade das Trevas". Quando na verdade ela afirma quem pensa e quem não pensa. Logo, numa sociedade colonial extremamente racista, os povos africanos não eram quem pensavam ou teriam a capacidade de construir

saberes. Sendo assim, marco importante para colocar nosso povo como aquele que é inferior ao humano. Se não podemos pensar para eles, se foram eles que nos trouxeram a civilização, a moeda e a religião que nos salvaria do "pecado". O que seríamos nós, afinal? Sendo tratados durante quase 400 anos como quem existe para o branco.

Segundo Ramos(2019, p. 43-44):

Vale dizer, brevemente, que, se retiram a história de África, os africanos aparecem como sujeitos a-históricos, sem consciência, sem origem e civilização. Daí resulta o fato de que a conquista não aparece como imposição cultural, dado que esse Outro colonizado é matéria sem consciência, sem história, sem agência, sem cultura. A história da colonização torna-se, assim, a história do colonizador - executada e narrada por Ele. Como consequência o racismo é reduzido à uma questão do negro. Contudo, racismo é, essencialmente, um sistema de saber e poder construídos pelo branco europeu sedento por acumulação, exploração e dominação de territórios e corpos na busca por superioridade - econômica e racial.

Aqui trago a gravidade do discurso racista de que a história começa na luta de classes. Que nega que os povos africanos já existiam e viviam de outras formas antes do capitalismo. Um sistema desigual que foi construído nas costas da escravização dos nossos povos africanos e pindorâmicos. Como Sojourner Truth (1851, [s/n]), evidencia a seguir:

[...] Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão [...].

Esse fragmento do discurso de Truth também evidencia e rompe com a ideia de sororidade vendida pelas mulheres brancas, pois a ideia de que existiria um sistema patriarcal o qual os homens pretos estariam na mesma posição de poder dos

homens brancos e acima das mulheres brancas é cruel e mentirosa. Entendendo que nenhuma pessoa preta é vista como humana sequer. Carla Akotirene(2019), em seu livro: "Interseccionalidade", irá denunciar que enquanto as mulheres brancas lutam por direito ao aborto. As mulheres pretas lutam para que seus filhos permaneçam vivos e não sejam mortos seja pela polícia ou de outras formas pelo racismo colonial. E que na realidade existe um pacto entre as mulheres e homens brancos, ambos nos escravizaram e nos deixaram enquanto povo numa condição de desumanização. As mulheres brancas inclusive como Grada Kilomba (2021) alerta se utilizam do que ela chama de relação triangular, a qual a mulher preta fica em evidência, tendo suas denúncias de racismo anuladas pela mulher branca. Que se utiliza de outra pessoa preta para argumentar que uma boneca preta que ela deixava exposta, revivendo o delírio colonial. Seria apenas uma homenagem, ignorando totalmente que independente de vermos ou não, o racismo existe e nos atravessa.

Segundo Ramos(2019, p. 15):

Mulheres brancas estão mais próximas de homens brancos, do que de mulheres negras. E, apesar de serem mulheres e oprimidas pelo machismo, exercem a nível social, político e econômico, poder sobre a vida de homens negros. Patriarcado, portanto, como uma união dos homens, apresenta-se como um patriarcado branco, pois na hora de unir-se a homens negros em nome de suas masculinidades, o branco o faz descartando a carne negra e seu falo animalizado, que não expressa nenhum poder diante a brancura da pele dos ditos homens- humano.

Poderia citar aqui as inúmeras vezes em que mulheres brancas também atravessaram a minha existência, gritando, sobrecarregando, anulando minhas ideias e as cooptando, e me colocando contra os homens pretos, ou como elas recorrem ao choro para sensibilizar e convencer o público de que não podem ser racistas, pois são mulheres afinal. São de esquerda e são cristãs ou qualquer outro tipo de argumento racista que poderiam ter. Sendo a suposta sororidade mais uma das promessas de salvação que o povo branco nos coloca como caminho. Colocar gênero como centro das discussões e acreditar que são vivências universais é mais uma mentira colonial.

Já a "revolução industrial" vai trazer a ideia de que precisamos de uma

unidade de classe, mas ao conseguir o que querem continuam nos escravizando. E discursos como de Engels em seu artigo "Argélia" evidenciam como os povos africanos eram vistos pelos mesmos:

Os mouros são provavelmente os habitantes menos respeitáveis. Vivem em cidades e muito melhor do que os árabes ou os kabyles e são, devido à opressão constante de seus dominantes turcos, uma raça tímida, que é no entanto cruel e vingativa, sendo o seu caráter moral bastante baixo.(ENGELS, 1975, p. 59).

Segundo Moore (2010) para Marx e Engels a escravização dos povos africanos foi necessária para caminhar e inclusive revolucionária.

Jamais deveríamos nos esquecer de que todo o nosso desenvolvimento econômico, político e intelectual pressupõe um estado de coisas em que a escravidão era tão necessária quanto era universalmente reconhecida. Nesse sentido, estamos autorizados a afirmar: Sem a escravidão da antiguidade, não haveria Socialismo moderno. (MOORE, 2010, p. 90).

As afirmações de que a escravização foram importantes e fonte do avanço são muitas e evidenciadas por Moore (2010), o discurso colonial é de que seriam apenas homens ao seu tempo. Mas, aqui trago que o autor denuncia que os mesmos sendo brancos e tendo acesso a diversos jornais e formas de comunicação não devem ter suas responsabilidades retiradas. Afinal, em algum tempo o racismo foi algo aceitável? Diversas cartas de teor racista, em meio a escravização dos povos africanos, onde para Marx, segundo o autor, a submissão da mulher branca seria escravização. É cruel pensar que essas pessoas são renomadas e inocentadas de seu racismo. Que suas ideias nos colocam como aqueles que são um recorte, a-histórico, que nossos ancestrais não produziam conhecimentos e saberes é disfarçada e ignorada.

Para mim, isso se trata do epistemicídio ao qual Sueli Carneiro (2005, p. 60) define como:

Na sua versão mais contemporânea nas universidades brasileiras, o epistemicídio, cuja discussão aprofundaremos posteriormente, se manifesta também no dualismo do discurso militante versus discurso acadêmico, através do qual o pensamento do ativismo negro é desqualificado como fonte de autoridade do saber sobre o negro, enquanto é legitimado o discurso do branco sobre o negro. Via de regra a produção branca e hegemônica sobre as relações

raciais dialoga entre si, deslegitimando a produção dos pesquisadores e ativistas negros sobre o tema. Isso é claramente manifesto nas listas bibliográficas utilizadas onde, via de regra, figuram autores negros não-brasileiros, ou no fato de quão poucos intelectuais negros brasileiros alcançaram prestígio nacional e internacional. Os ativistas negros, por sua vez, com honrosas exceções, são tratados, pelos especialistas da questão racial, como fontes de saber mas não de autoridade sobre o tema. Os pesquisadores negros em geral são reduzidos também à condição de fonte e não de interlocutores reais no diálogo acadêmico, quando não são aprisionados exclusivamente ao tema do negro.

Em concordância com Sueli Carneiro: "entre esquerda e direita, continuo sendo preta" ("Caros Amigos" n° 35, fevereiro de 2000). Discursos universalistas que colocam a brancura como universal e fingem falar de nós povos africanos não devem nos enganar. Ao denunciar o racismo da esquerda o próprio Carlos Moore foi extremamente perseguido. Segundo (Moore, Carlos, 2015, EL PAÍS) tendo que fugir de Cuba aos 15 anos e estando exilado até hoje, ele autor relatou que o racismo era tão profundo que chegava a imaginar que a mãe dele era branca quando criança para doer menos. Afinal, essa suposta revolução cubana, destruiu terreiros, e não fez modificação nenhuma nas estruturas racistas e permanece com uma sociedade colonial. Poderíamos acreditar que a escravização de nosso povo foi necessária para que caminhássemos para avanços? Tudo isso em nome de uma suposta união enquanto classe, que anula sempre raça e nos coloca como um recorte da realidade. Ocultando que na verdade foi nas costas de nossos ancestrais que o sistema capitalista foi construído. Como poderia então ser classe a centralidade se alguns aqui chegaram de caravelas e outros nos porões dos navios negreiros sendo escravizados? Como o autor Nascimento (2020, p. 178) coloca a seguir:

A comparação do africano escravizado com as máquinas e o crédito fala por si mesma da objetificação do negro e de sua total desumanização. Temos ainda a escravização africana tratada como condição necessária ao industrialismo moderno, e até adquirindo uma "categoria econômica".

Segundo o autor, adotar a análise marxista para resolver nossos problemas, seria fatal, pois fomos atravessados pelo processo capitalista, e pela análise europeia que tenta criar supostas soluções para nosso povo. Ainda segundo ele:

[...] à medida que a exploração industrial-capitalista se expandia às custas da escravização, opressão e destituição dos africanos. Marx substituiu a categoria humana dos africanos pela categoria econômica. Não aceitamos que uma pura mágica conceitual possa apagar a realidade terrível do holocausto desencadeado pelos brancos europeus contra todo o continente e sua raça negra. (NASCIMENTO, 2020, p. 178 - 179).

Os operários europeus foram se tornando sócios e parte do sistema, inclusive italianos foram trazidos para o Brasil. Enquanto os povos africanos seguiam sem trabalho no país e sem nenhuma reparação de todos os anos de escravização. Às custas da marginalização dos povos africanos, os brancos foram enriquecendo e construindo o capitalismo. Sem falar sobre a denúncia de Nascimento (2020), sobre a invasão do Comitê Afro-Brasileiro pela UNE e militantes pretos marxistas, que expulsaram Abdias do Nascimento, Aguinaldo de Oliveira Camargo e Sebastião Rodrigues Alves. Que foram nada mais que os fundadores desse comitê, com a justificativa de que eram racistas e se afastavam do debate de classe e unidade proposto pelo Partido Comunista.

Temos também o exemplo citado no mesmo livro de Nascimento (2020), sobre Richard Wright, que pretendia escrever um livro sobre os pretos trabalhadores, mas o partido comunista acreditou que seria um divisionismo, seus antigos companheiros, perseguiram-me em trabalhos e com agressões verbais e físicas em atos. O Teatro Experimental do Negro teve que ensaiar durante tempos nas ruas, pois foram expulsos das dependências da UNE(União Nacional dos Estudantes) por ordens do Partido Comunista do exterior. É importante que lembremos que tanto a esquerda como a direita desejam seus interesses próprios, são caminhos ocidentais que sempre que necessário deixarão os povos africanos de lado, inclusive, por isso, Abdias do Nascimento foi extremamente perseguido, e eu como novamente não me retiro do que escrevo, narro que em diversos momentos fui perseguida por pessoas de esquerda, ao denunciar o racismo da mesma e do marxismo. Tendo minha inteligência questionada e posta em dúvida, falas como "...para falar de Marx, precisa estudar muito...", eu questiono se as humilhações que tentaram me impor em público racistas, e todos os anos de graduação marxista não seriam o suficiente.

Durante anos vi partidos e outros espaços brancos dessa dita esquerda brasileira, serem racistas todos os dias comigo e minha comunidade. Sendo utilizada

apenas como um recorte e caindo na ideia de falsa representatividade que o colonialismo nos coloca. Carregando nas costas a responsabilidade e o peso, de falar nos espaços pelos brancos, tentando impedir que os mesmos tivessem discursos racistas. Pensando sempre em como isso iria afetar minha comunidade, o que ocasionou vários adoecimentos.

Denuncio também as diversas vezes em que ouvi palavras racistas, e quase morri pelo que esses ditos antirracistas da esquerda fizeram. Foram falas interrompidas, gritos e ser colocada numa posição de recorte. Mas como Dagoberto José Fonseca, uma vez me disse, recortados são eles e elas que tentam nos ver dessa forma.

Segundo Ramos (2019), como poderia se quando homens brancos como "o mendigo gato" como ficou conhecido, é bonito demais por ser branco e ter olhos verdes, para permanecer em situação de rua. Enquanto as pessoas pretas permanecem sem sequer conseguir utilizar um banheiro muitas vezes. Prometem nos salvar do que eles mesmos construíram, quando na verdade nos mantêm nesse mundo colonial.

Segundo Paul Gilroy (2020), a modernidade significa a morte das culturas dos povos africanos. Significa a destruição de nossas formas de viver e sentir o mundo, a ameaça à pluralidade dos povos africanos. A modernidade foi o caminho de revolução para os povos brancos, pois nós continuamos sendo escravizados e sofrendo genocídio por todos os lados.

Para finalizar essa parte eu recorro a Aimé Césaire (2020, p.18), para evidenciar que a esquerda branca sempre fechou os olhos para seu racismo. Evidenciando que os caminhos que propõe nos excluem e nos enganam com seu racismo.

Surpresa e indignação. E as pessoas dizem: "Que estranho! Mas, ah! É o nazismo, vai passar! E esperam e esperam; e se mantêm caladas diante da verdade: que é uma barbárie, mas a barbárie suprema, aquilo que coroa, aquilo que resume o caráter cotidiano das barbáries; que é nazismo, sim, mas que antes de serem suas vítimas, foram cúmplices, que esse nazismo, toleraram antes de sofrê-lo; absolveram-no, fecharam seus olhos e o legitimaram, porque, até então, havia sido aplicado apenas a povos não europeus; cultivaram esse nazismo, ele é sua responsabilidade; e ele gotejava, escorria, penetrava antes de engolir em suas águas avermelhadas, por todas as fendas, a civilização ocidental e cristã.

E antes que surja a ideia de como posso trazer o autor para criticar a própria esquerda. Carlos Moore (2010) enuncia que o autor abandonou o marxismo por reconhecer o racismo do mesmo, inclusive sendo importante para que Moore publicasse o livro denunciando o racismo do marxismo, assim como Abdias do Nascimento, Lélia Gonzales dentre outros. Para além disso, toda contribuição e construção de pessoas pretas é fruto do esforço imenso das mesmas para pensar para além de uma teoria racista que nos coloca como recorte. Isso não é fruto de homens brancos racistas, o discurso de que tudo que o marxismo quiser se apropriar é crédito de Marx é entorpecedor de racista. Sigamos em frente valorizando as construções de nosso povo.

Fiquemos com as palavras potentes de Racionais Mc's(2002):

*Tempo pra pensar, quer
parar Que 'cê quer?
Viver pouco como um rei ou muito, como um
Zé? Às vezes eu acho que todo preto como
eu
Só quer um terreno no mato, só seu
Sem luxo, descalço, nadar num
riacho Sem fome, pegando as frutas
no cacho Aí truta, é o que eu acho
Quero também, mas em São
Paulo Deus é uma nota de cem
Vida Loka! (Mc's, Racionais, 2002).*

4 CISAÇÃO DE DOIS MUNDOS E A DESTRUIÇÃO DE NOSSO POVO

Início com as palavras de Aimé Césaire (2020, p. 24-25):

Ouçó a tempestade. Falam-me do progresso, das “realizações”, das doenças curadas e dos níveis de vida elevados além de si mesmos. Mas eu falo de sociedades esvaziadas de si mesmas, culturas pisoteadas, instituições solapadas, terras confiscadas, religiões assassinadas, magnificências artísticas destruídas, possibilidades extraordinárias suprimidas. Eles me jogam na cara os fatos, as estatísticas, os quilômetros de estradas, canais e ferrovias. Mas eu falo de milhares de homens sacrificados na Congo-Océan. Estou falando daqueles que, no momento em que escrevo, estão cavando o porto de Abidjan à mão. Falo de milhões de homens arrancados a seus deuses, suas terras, seus costumes, sua vida, a vida, a dança, a sabedoria. Estou falando de milhões de homens em quem foram inteligentemente inculcados o medo, o complexo de inferioridade, o tremor, o ajoelhar-se, o desespero, o servilismo. Dão-me a visão total da tonelagem de algodão ou cacau exportado, acres de oliveiras ou videiras plantadas. Mas eu falo de economias naturais, economias harmoniosas e viáveis, economias na medida do homem indígena que foram desorganizadas, culturas alimentares destruídas, subnutrição instalada, desenvolvimento agrícola orientado para o benefício único das metrópoles, roubo de produtos, roubo de matérias-primas.

Começo sem nenhum constrangimento dizendo por meio de cada irmão e irmã que vieram antes e virá depois, que sangra nesse momento em algum lugar. Não existe outra definição de colonialidade que poderia ser trazida aqui, além das palavras de Césaire (2020), que diz que somente existe espaço para violência, exploração e trabalho forçado entre colonizador e colonizado. Aqui irei tratar da cisão de dois mundos, um conceito trazido por Fanon (2006, p.28). O autor afirma:

O mundo colonizado é um mundo cindido em dois. A linha divisória, a fronteira, é indicada pelos quartéis e delegacias de polícia. Nas colônias o interlocutor legal e institucional do colonizado, o porta-voz do colono e do regime de opressão é o gendarme ou o soldado. Nas sociedades de tipo capitalista, o ensino religioso ou leigo, a formação de reflexos morais transmissíveis de pai a filho, a honestidade exemplar de operários condecorados ao cabo de cinquenta anos de bons e leais serviços, o amor estimulado da harmonia e da prudência, formas estéticas do respeito pela ordem estabelecida, criam em torno do explorado uma atmosfera de submissão e inibição que torna consideravelmente mais leve a tarefa das forças da ordem. Nos países capitalistas, entre o explorado e o poder interpõe-se uma multidão de professores de moral, de conselheiros, de “desorientadores”. Nas regiões coloniais, ao contrário, o gendarme e o soldado, por sua presença imediata, por suas intervenções diretas e freqüentes, mantêm contacto com o colonizado e o aconselham, a coronhadas ou com explosões de napalm, a não se mexer. Vê-se que o

intermediário do poder utiliza uma linguagem de pura violência. O intermediário não torna mais leve a opressão, não dissimula a dominação. Exibe as manifestações com a boa consciência das forças da ordem. O intermediário leva a violência à casa e ao cérebro do colonizado.

Fanon, propõe-se nessa obra a desvelar o mundo colonial, ele retrata que vivemos em um mundo dividido em dois, onde os povos africanos e pindorânicos vivenciam uma realidade cruel, carregada de violações e explorações. Enquanto os povos brancos colonizadores, vivenciam a tranquilidade de um mundo onde sequer existe lixo no chão, onde tudo é asfaltado. São zonas opostas onde ele faz inclusive a denuncia da violência policial em relação aos povos africanos. Para ele enquanto os brancos tem comida, sapatos em seus pés, para nós falta sapatos, iluminação nas ruas, fome de alimentos. Sendo um mundo dividido em dois, o autor também nos lembra que é um mundo maniqueísta, onde não bastava limitar fisicamente os colonizados. Foi necessário colocar o que é o bem e o que é o mal, colocando os povos colonizados como sem valores. Aquilo que ao se aproximar destrói e polui, sendo assim destituído de valores, os colonizadores deveriam então nos impor os seus. Numa mentira colonial que buscava nos salvar enquanto povo, mas nos salvar de que?

O colono faz a história. Sua vida é uma epopéia, uma odisséia. Ele é o começo absoluto: "Esta terra, fomos nós que a fizemos". É a causa contínua: "Se partirmos, tudo estará perdido, esta terra regredirá à Idade Média". Diante dele, os seres embotados, atormentados interiormente pelas febres e pelos "costumes ancestrais", constituem um quadro quase mineral no dinamismo inovador do mercantilismo colonial. (Fanon, 2006, p. 38).

O colonizador branco se entende enquanto aquele que é o centro e começo de toda a existência. Quando sabemos que segundo Akilah Raiwaya (2021), o mundo começou em África, onde os povos eram pretos. Sendo a raça branca recente na existência desse planeta. Ignorando também que os povos africanos tinham sua moeda, que eram os búzios, e outras formas de se organizar e existir. Com trocas que não tinham como caminho o lucro e sim negociações justas e recíprocas. O mundo colonial tenta nos impedir de mercar como a tradição Iyorbá nos ensina. Deveríamos ser como a criança que brinca no mercado. Aquela que quer conhecer o mundo, que sonha e quer experimentar assim como Esú ensina. Mas para o mundo

colonial repartido isso seria atraso.

Ainda segundo Fanon (2006), essa cisão também separa a existência africana. Colocando a espiritualidade como algo irreal, que deve ser temido, cachoteado e inferiorizado. Sendo uma das formas de controlar nossas existências, ao separar inclusive os sonhos em sair desse mundo colonial e olhar para as práticas ancestrais.

Segundo Débora Ramos(2019, p.81):

Hierarquia se traduz na cultura europeia como uma justificativa para a dominação, pois se algo é inferior, estão habilitadas as estratégias para salvação/conquista desse Outro. É como se a consciência do colonizado estivesse limitada por um conjunto de opções (binárias e opostas), em que existe, de um lado, um lugar permeado de estereótipos e arraigada de pressupostos negativos, que condicionam, inclusive, a vida material dos sujeitos, e do outro, como lugar ideal, a imagem fixa do que se atribui à figura inatingível, por ser o seu oposto.

É muito importante trazer aqui que hierarquia, numa perspectiva africana se dá de outra forma, com responsabilidade e caráter. Não é utilizada para violentar e sobrepor uns aos outros como Nogueira (2020) nos lembra. E essa divisão de mundos, criou as categorias de seres e seres abaixo dos seres. Colocando assim, nossos povos africanos como não humanos, o próprio conceito de humanidade já nos separa da natureza que fazemos parte e rompe com ensinamentos africanos.

De acordo com Ramos(2019, p. 82):

Já para o povo Yorubá hierarquia possui outra semântica. A hierarquia tem como base a idade, o que não indica que aquele que é mais velho não precisa e pode aprender com o mais novo, ou seja, não é uma relação estática tal como a do mundo colonial que estabelece, a priori, um padrão social de comportamento e relação social. Reconhecendo cada indivíduo, em sua particularidade, a cultura Yorubá pré-colonial entende que a diferença integra a sociedade e oferece algo a partir de sua experiência e lugares distintos no mundo. Assim, não há hierarquia de gênero, tampouco hierarquia racial. A hierarquia constitui-se a partir de outras variáveis, tais como o tempo de vida, o que não legitima a dominação, exploração e opressão de um (mais velho) sobre os demais (mais novos). Acerca da gramática e filosofia que direcionam as relações sociais do povo Yorubá, as diferenças surgem de outros lugares, definindo quem já estava na família e quem chegou depois, e etc. A diferença, portanto, não afasta, mas agrega.

Ramos (2019), ainda nos lembra que as leis são forjadas pelo Estado brasileiro para atender e operar somente em nome dos povos brancos excluindo sempre os povos africanos delas, exceto se for para aprisionar. O projeto colonizador segundo a autora, é atual e sempre busca formas de se renovar e vai para além das Américas, ele busca dominar a partir do saber e do poder os povos africanos. Tratando nós os povos africanos como primitivos e não civilizados, isso só poderia causar feridas imensas em nossas existências.

Trago como outro exemplo dessa cisão de dois mundos o filme "M8- Quando a Morte Socorre a Vida"(Jeferson De, 2020). O filme retrata as vivências de Maurício, um homem preto da favela que adentra a universidade para cursar medicina. Em determinado momento ele inclusive afirma, que se vê mais nos corpos que analisa do necrotério, que são todos corpos pretos sobretudo de homens pretos. Do que nos seus colegas de turma e professores, inserido num meio extremamente colonial e vivenciando com pessoas brancas apenas. Ele é colocado no lugar de quem deve fazer a limpeza e manutenção do local. Começa a buscar relações com pessoas brancas, e deixar de lado de certa forma o terreiro e sua ancestralidade. Que o tempo todo se comunica com ele, o lembrando de seu papel em descobrir quem são aqueles corpos pretos, que para ele nunca foram somente corpos, e sim existências com a dele, que ao retornar para a favela de onde saiu, se depara com várias mães pretas. Que choram e clamam incansavelmente para reencontrar seus filhos.

Outras cenas do filme mostram Maurício, sendo o tempo todo lembrado que está pisando num mundo colonial que não é dele. Seja quando a polícia o espanca e lembra que ele sendo preto não pode estar no bairro de branco na rua aquele horário. Ou quando uma funcionária o ignora para dar informações e as dá com carinho para o colega branco da faculdade. Ou quando a namorada branca dele, se assusta com meninos pretos correndo, por achar que seria roubada. A própria mãe dela enuncia que não aprova a relação por ele ser de outro mundo e logo preto.

Acima de tudo, compreendo que esse filme narra minha trajetória na universidade. Ao adentrar o mundo do colonizador, senti-me repartida e a outridade estranha. Aquela que sente um profundo deslocamento, aos poucos fui querendo ser o branco, falar como as professoras e professores que me violentavam. Não ser direta

naquilo que queria dizer e evitar conflitos, mas ao mesmo tempo entrar em disputas de egos e destruição dos outros. Era necessário ter uma linguagem inacessível, para parecer inteligente e logo humana. Para mim, era necessário falar como as sinházinhas e senhores de engenho colonizadores queriam. Nessa busca me sentia na ilusão de ser superior e saber mais que as pessoas de onde vim.

Mas a ancestralidade assim como com Maurício, lembrou-me dos caminhos aserem seguidos, e por isso mesmo que tentem me atravessar. Mesmo que o caminho seja cheio de embates, seguirei pois não caminho sozinha. E compreendo que narrar minha trajetória é seguir deixando os caminhos abertos para quem virá depois, e honrando quem veio antes de mim. Para que minha comunidade se lembre dos caminhos que sempre estiveram conosco, pois são grandiosos e carregados de asê.

Para dialogar de forma aprofundada sobre essa busca de ser branco trago Neusa Santos Souza (1990) para o xirê. A autora trabalha o processo de como ao buscar autoestima e logo ascensão social que seria no caso econômica nesse mundo colonial. Nós os povos africanos, aos poucos fomos travando uma luta para tornarmos dignos. Minando assim a nossa própria identidade e ancestralidade, assim como deixando de lado nossas tradições. Aumentando a competição entre nosso próprio povo, por serem muito pequenas as brechas da falsa representatividade. Essa suposta ascensão, tem um preço muito caro a se pagar, dentre alguns está pra ela a defesa da democracia racial e embranquecimento de todos os sentidos da existência. Responder ao racismo seria um obstáculo para isso, e o silêncio foi tomando conta, na ilusão de sermos aceitos.

A nossa separação de nossa própria identidade e cultura enquanto comunidade foi se aprofundando. Era necessário defender os interesses dos brancos, fossem suas roupas, linguagens, aparência, alimentação, consumo, religião ou cultura. Ela demonstra a importância de compreendermos o mito negro e suas construções em nossa psique. Ele nos torna aquele que é ruim e o branco como a régua medidora do ideal a ser. Tendo inclusive enquanto povo a negação de simplesmente ser e existir. Pois precisamos estar sempre alertas ao perigo do racismo que nos asfixia todos os dias. Nessa busca muitas vezes o embranquecimento das famílias e por ter filhos com homens brancos e mulheres

brancas também é onde esquecemos quem somos. Sendo relatado em entrevista da autora, que seria pra além de embranquecer a pele, se afastar da miséria que ser preto representava. Nas palavras de Souza (1990, p.23):

Como exceção, perdia a cor: “deixa de ser ‘preto’... para muitos efeitos sociais, sendo encarado como ‘uma figura importante’, ou ‘um grande homem’... Vê-se, assim, compelido a desfigurar-se material e moralmente. Tem de submeter-se, previamente, ao ‘figurino do branco’. E, se isso não bastasse, precisa conformar-se aos papéis sociais ambíguos do ‘cavalheiro por exceção’, em todas as circunstâncias sujeito a dar provas ultraconvincentes de sua capacidade de ser, de pensar e de agir como equivalente moral do ‘branco’. Em suma condena-se a negar-se duplamente, como indivíduo e como parte de um estoque racial, para poder afirmar-se socialmente.

O trecho acima retrata a crueldade da busca do tornar-se branco, e em um dos relatos do livro, Luísa uma mulher preta, relata que sua avó dizia que ela precisava limpar seu útero tendo filhos com brancos. Aos poucos nosso povo foi acreditando nas imagens construídas pelos brancos sobre nós.

Para Neusa Santos Souza (1990, p.31):

Resquício do período escravista, em que o negro era a “besta de carga”, sua decantada resistência física está associada a um destino mítico que lhe garante a necessária competência para as tarefas árduas.

Isso também diz muito sobre o quanto nos é exigido enquanto povo ser uma máquina seja sexual ou de aguentar todo tipo de dor. Aguentar em silêncio enquanto devemos ser fortes. O choro se torna sinônimo de fraqueza para nosso povo, mas o choro é necessário, é desaguar de Osún. Águas paradas fazem represas, e nós precisamos ser correntezas. Buscamos um ser melhor e perfeitos, mas essa busca é inatingível, pois ser perfeito é um ideal branco cristão. Como a autora nos lembra:

Ser o melhor! Na realidade, na fantasia, para se afirmar, para minimizar, compensar o “defeito”, para ser aceito. Ser o melhor é a consigna a ser introjetada, assimilada e reproduzida. Ser o melhor, dado unânime em todas as histórias-de-vida. Para o negro, entretanto, ser o melhor, a despeito de tudo, não lhe garante o êxito, a consecução do Ideal. É que o Ideal do Ego do negro, que é em grande parte constituído pelos ideais dominantes, é branco.

E ser branco lhe é impossível.

A autora também relata o quanto nas entrevistas percebe a busca por ainda quando nos relacionamos com pessoas pretas, elas precisam ser excelência em tudo que fazem. Ou serão descartadas e deixadas de lado, desde a família para Neusa Santos Souza (1990), somos ensinados a buscar ser o ideal do Ego branco. Nos envolvendo em relações onde somos o segredo e tratados como somente objeto sexual. Ela relata que viu muita dor e choro e poucas vezes esperança nas entrevistas. Mas que tornar-se negro novamente para a autora seria buscar romper com o ideal de ser branco. Sendo muito importante que contemos nossas próprias histórias e que podemos escrevê-las como quisermos. Em suas palavras, o saber-se negra é:

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades. (SOUZA, 1990, p. 17-18).

Saber-me africana é compreender que apesar de tanta ferida e violência ainda podemos existir com encantamento pela vida. Por isso devemos buscar romper com a ideia de amar, relacionar, comer, falar, vestir, consumir, reverenciar o ideal de branco colonial. Jamais seremos o branco, termino essa parte com uma poesia de minha autoria. Buscando romper com a busca de ser branca, com as feridas que esse mundo colonial me causou. Com o sentimento de rejeição e querer ser quem me violenta eu escrevi essa poesia, sobre a grande correnteza que sou:

*Minha força é ser correnteza
Meu poder é ser dengo
Minha caminhada é fecunda
Geradora e criadora de axé
Minha maior riqueza
Não se compra
Tentam me limitar
Me derrubar
Me ameaçar
Apagar quem
sou
Me levanto como Yalodê Meu*

*poder está nos sonhos
Ah...e como eu sonho...
Minha determinação
Me liberta...
Das amarras coloniais
Eu sou
aquela
Que
derruba
A mesa
colonial...
Eu transbordo,
Eu choro,
Eu inundo,
Eu renasço
Minhas palavras tem axé
Minha existência é axé Minha dança é poesia
Daquelas que canta e encanta...
Ora iê iê ô Osún
(Santos, Maria Lorrana Melquiades, 2021, "Osún é correnteza")*

5 RACISMO E APROPRIAÇÕES DE NOSSAS TRADIÇÕES

"Salve à umbanda, à jurema, o candomblé Se tem coisa que não nos falta é fé Minha força vem dos meus ancestrais Que lutaram por nós um tempo atrás Nós não vamos nos entregar jamais Acabaram os seus dias de paz". (ELNIÑO, THIAGO, SAPIÊNCIA, RINCON, 2019)

O trecho acima é extremamente potente, e mostra um pouco da luta dos povos africanos pela continuidade de nossas existências. Escolho começar com ela pois acredito que apesar de todo racismo contra as nossas tradições africanas de terreiros, seguiremos existindo.

*Negro falava de umbanda
Saravá, branco ficava cabreiro
Fica longe desse negro
Esse negro é feiticeiro
Hoje o preto vai à
missa E chega
sempre primeiro
O branco vai pra macumba
Já é Babá de terreiro"- (FILME, GERALDO)*

O fragmento da letra de "Vá cuidar de sua vida", é uma denúncia explícita de mais uma face do racismo. Pois quando nossas culturas e tradições num geral são vivenciadas por nós povos africanos, ela é perigosa e suja. Mas sendo apropriada pelos povos brancos ela se torna aceita. O processo de pessoas africanas nas religiões cristãs deve ser observado e lembrado.

Segundo Nogueira (2020, [s/n]) nos lembra:

A verdade é que o Brasil, como sociedade ocidental, não nasceu como uma democracia religiosa. Não é necessário que se vá muito longe na história do nosso país para entender que a intolerância religiosa e a farsa da laicidade têm como origem o colonialismo. Desde a invasão pelos portugueses, a religião cristã foi usada como forma de conquista, dominação e doutrinação, sendo a base dos projetos políticos dos colonizadores. Shigunov Neto e Maciel (2008) reforçam, por meio de narrativas históricas, o apagamento de qualquer crença que não fosse a imposta por Portugal.

O autor chama a atenção para o debate de intolerância religiosa, que seriam as perseguições às religiões que fogem das colocadas como universais ou seja, as

cristãos. E problematiza que não devemos nos contentar em ser tolerados por ninguém ou suportados já que não conseguem impedir nossas existências. Devemos ter nossas existências respeitadas e não toleradas. Aqui também problematizo a ideia de que as tradições africanas sejam religiões, pois compreendo a partir de ensinamentos ancestrais de Babá Paulo Ifatide Ifamoroti e Iyá Neide Ribeiro de Oyá, que esse conceito é insuficiente para nosso povo. Tendo em vista, que vem do grego Re-ligare, pois se nossa conexão nunca foi desligada, não existe nada para religar. Sendo assim, o que cultuamos e vivenciamos a nossa tradição e ancestralidade.

Por isso aqui afirmo que o conceito de intolerância ou racismo religioso é insuficiente para falar sobre as tentativas cotidianas de destruição de nossas tradições. Isso deve ser nomeado como é de fato, o racismo é mais uma forma colonial de tentar destruir nossas existências. Nas palavras de Akilah Raawiya (2021): "...os europeus entraram em contato com o drama de Ausar (Osíris), e se apropriaram. Esse drama africano é o template, ou seja, o desenho inicial de todos os sistemas de destino do mundo."

Segundo a educadora africana Raawiya(2021) os cristãos cooptaram a história africana vinda de Kemet(nomeado pelos brancos de Egito), e nomearam como sendo a história de um Jesus branco e uma virgem Maria branca. Contando brevemente a história, um líder chamado Ausar, que viajava muito compartilhando seus saberes. conheceu Auset, com quem se casou e se tornou governante da nação enquanto o mesmo viajava. Despertou a inveja de seu irmão Seth, que o assassinou e desmembrou seu corpo em quatorze partes. Auset vai em busca e encontra quase todos os pedaços do corpo menos o pênis que foi comido por um crocodilo no Nilo. Ela sepulta o corpo do marido e cria a primeira múmia da humanidade, se lamentando por não ter tido filhos com ele. Ausar teria retornado em espírito e engravidado Auset. Seu filho Heru nasce e batalha com seu tio Seth, triunfando e restaurando o reino enquanto seu pai assume o trono do julgamento em outro plano.

A autora alerta que o "Livro dos mortos do Antigo Egito", foi escrito por um papiro sobrevivente e evidencia que muito antes do cristianismo existir essa história era africana. Mas essa apropriação e inclusive as ideias de dar tudo de si, e sofrer violações em nome de algo não recíproco teve suas intenções. Segundo ela era

necessário embranquecer esse deus único cristão.

Veja bem, se Deus é a coisa mais importante em sua vida, se você o ama, respeita e honra, por associação, você vai tratar o povo que se parece com esse Deus da mesma forma. Isso porque, o nosso cérebro além de armazenar as informações através de símbolos, é uma máquina produtora associativa.

Ora pois, se esse Deus é branco e caminho para a salvação do pecado a partir do acúmulo que já foi trazido anteriormente. Deve-se a imagem da brancura ser a referência de existência seguida. E de que forma então as tradições africanas de terreiro são tratadas? Segundo Nogueira (2020, p.48)

Afinal, por que racismo em vez de intolerância religiosa? Porque, nesse caso, o objeto do racismo já não é o homem particular, mas certa forma de existir. Trata-se da negação de uma forma simbólica e semântica de existir, de ser e estar no mundo. Nesse caso, o racismo atinge explícita ou implicitamente a dimensão mais importante de uma pessoa e/ou de uma coletividade: sua própria humanidade. O processo de demonização dos cultos de matrizes africanas, em última análise, caracteriza a negação da humanidade desses fiéis.

O racismo que atravessa nossas existências enquanto pessoas africanas em terreiros não pode em hipótese alguma ser tratado como intolerância religiosa somente. Trazendo novamente minhas vivências já que não me retiro do que escrevo, diversas vezes ao caminhar nas ruas e saudar Exu nas encruzilhadas, tive não somente nossa tradição ameaçada, mas minha integridade física também. As pessoas já gritaram que eu iria para o tal inferno cristão e que seu deus branco era maior. Ameaçaram me agredir fisicamente, para além da dor causada e da tentativa de atravessamento ao meu Ori. São ataques diários e somente a fé em nossa ancestralidade e nos orixás me faz caminhar nas ruas. Por entender que não caminho sozinha, e que todos os ancestrais estão comigo. Sem falar nas diversas vezes em que ao falar sobre nossas tradições, ouvi que isso era pecado, e os afastamentos que existiram por racismo.

Posicionamentos como o de Marco Feliciano, que em 2011 twittou o seguinte:

Africanos descendem de ancestral amaldiçoado por Noé. Isso é fato. O motivo da maldição é a polêmica. Não sejam irresponsáveis twitters rsss [...]

sobre o continente africano repousa a maldição do paganismo, ocultismo, misérias, doenças oriundas de lá: ebola, Aids. Fome [...] Sendo possivelmente o 1o. Ato de homossexualismo da história. A maldição de Noé sobre canaã toca seus descendentes diretos, os africanos [sic] [...] (FELICIANO, 2011).

Contribuem totalmente para que sejamos perseguidos e muitas vezes mortos. Falar sobre o racismo num país como o Brasil é remexer numa ferida ancestral muito profunda. Afinal, o projeto colonial precisava nos repartir para existir. Precisava retirar nossa força vital criadora. E para que deixássemos de buscar estratégias baseadas em nossa própria existência, em nossa ancestralidade. Os brancos disseminaram o racismo contra os terreiros. Em nossa tradição iorubana segundo Nogueira(2020) o Ori(cabeça) deve caminhar junto com o corpo todo em sintonia. Não se separa o espiritual do físico, e isso é o que nos fortalece e faz caminhar enquanto povo. Um quilombo é afronta direta ao mundo colonial em que vivemos, não querem nossas organizações e que caminhemos enquanto comunidade.

As CTTro estão diante de um sistema ético que desconhece o pecado. O crer não se estabelece por medo, culpa ou redenção. No mercado, todas as trocas são possíveis. Para nós, a orientação sexual nada tem a ver com caráter, pois desejo e amor entre seres humanos adultos e conscientes são veículos de produção de axé. O mesmo pode ser dito sobre identidade de gênero: em nossos cosmossentidos, cada um sabe quem é, pois quem diz quem somos não é nossa genitália, e sim Ori, nosso Eu divino-consciência-personalidade. A encruzilhada é sagrada, o corpo é sagrado, a criança é sagrada, o velho é sagrado, o erro é tão sagrado quanto o acerto, a morte é sempre simbólica e é igualmente sagrada. Para a epistemologia preta, o sagrado é um contínuo, portanto tudo é sagrado, exceto o mau-caratismo. Tudo isso torna o candomblé “demonizável” ou, como dizem clássicos da antropologia racista, “uma religião sem ética”, frente às instituições que querem regular corpos, mentes, gozo e afeto.(NOGUEIRA, 2020, p. 68).

Exu já citado antes, o orixá que faz a abertura de todos os caminhos, que nos ensina que podemos voltar para o centro dessa encruzilhada quando quisermos e construir um novo caminho, é colocado na figura do demônio, pois sendo preto retinto e experimentando tudo, para conseguir conhecer o mundo, abrindo os caminhos que pareciam inexistentes. Ele se torna a maior ameaça para o mundo branco, que acredita em um caminho sem volta, em relações que devem tolerar violências e permanecer, em relações de violação de todos os tipos.

Da esquerda ou direita, do menino ou menina, do cruel ou bondosa, somos tudo, somos a contradição que cria o novo. E em meio a tudo isso, as comunidades tradicionais de terreiros foram demonizadas, já que mesmo com a escravização e falando línguas diferentes, nossos ancestrais. Que sempre partilharam princípios como o respeito e partilha, criaram formas de existir e reviver África nesse território. Já que destruir isso foi impossível, a estratégia se torna além dos ataques aos terreiros, as difamações como as que levaram a mortes como a de Mãe Gilda de Ogum, que lutou durante a vida toda contra o racismo. O dia 21 de janeiro é marcado como dia de combate a intolerância religiosa, por conta de sua morte. Segundo o texto de Juliana Silva(2014), disponível no site da Fundação Cultural Palmares, a Iyalorixá Gilda de Ogum, faleceu depois de vários ataques racistas. Inclusive sendo chamada de golpista e deixada inclusive por filhas e filhos da casa. E até hoje tem o busto que foi construído em sua homenagem violado segundo Vinicius Nascimento(2020).

Dialogando com Carla Akotirene (2019), nos presídios a invasão dos neopentecostais é debate urgente, e pensar em como apenas os terreiros não conseguem adentrar esses espaços com facilidade. Pensar em nossos povos, que cresceram ouvindo que sua ancestralidade é demoníaca e que seguem ouvindo mesmo após o racismo e a punição diária nas celas. Que estão lá apenas por sua culpa, e que precisam buscar uma salvação branca, um deus branco para se salvar e ter o perdão. Responsabilizando assim, novamente a nós as pessoas pretas por lugares onde o racismo nos colocou. As escolas também são um espaço histórico, onde se obrigava a orar a partir de uma religião única.

Dado isso, nós os povos africanos tivemos que buscar formas de nossas tradições seguirem existindo. E é aí que entra o suposto "sincretismo religioso", que é segundo Nascimento (2019) colocado como um processo tranquilo e recíproco. O autor questiona como poderia ser isso sincretismo se os povos brancos detêm o poder econômico e político partidário para tentar nos destruir no mundo colonial, e continuam usufruindo do racismo contra nosso povo? Que tipo de troca recíproca mentirosa seria essa? Ele chama a atenção para a seguinte questão, colonizar somente o corpo não era suficiente. Por isso assim que os africanos chegavam, eram

batizados pelos padres, na tentativa de romper nossa conexão com Ori(nosso primeiro grande orixá cabeça) e nossos ancestrais. Segundo ele não é exagero dizer que nossas tradições foram mantidas num estado de sítio.

Nascimento (2019), também denuncia que o sincretismo religioso, seria uma forma de fingir que a democracia racial existe no Brasil. Importante citar aqui um símbolo disso, que aconteceu em 13 de fevereiro de 1977, publicado pelo jornal Folha de S.P e que é lembrado pelo autor no livro "GENOCÍDIO DO NEGRO BRASILEIRO: UM PROCESSO DE RACISMO MASCARADO". Um terreiro pagou para que o padre realizasse uma missa, na Igreja do Bonfim. Lugar que foi construído por essas mesmas mãos pretas, e que mesmo assim foi negado por racismo. Sendo chamada a polícia, que sempre coagiu e ameaçou nosso povo. Impedindo que filhas de santo, cantassem para orixás pelas ruas e nos tratando como criminosos e monstros. O direito de cantar nas ruas também foi negado para nós as pessoas africanas. O sincretismo para mim nada mais é do que uma forma violenta de tentativa de destruição de nossa ancestralidade. Imagens de orixás brancos e até mesmo Pretos Velhos, que o próprio nome já diz tudo circulam o tempo todo. Isso apaga o significado do ancestral e o asê que existe em nossas tradições.

E associar os cultos aos santos brancos cristãos, chegando inclusive ao ponto de alguns terreiros, reproduzirem a ideia racista colonial de que Exu é o diabo. Ou de que Oxum é fútil, que Xangô é vingativo, que Iemanjá é branca, que Iansã é furiosa. Enfim uma infinidade de atropelamentos racistas construídos por pessoas que são extremamente renomadas como Pierre Verger, por exemplo. As distorções a partir do olhar branco, que não consegue compreender a potência ancestral do asê , contaminam nossas vivências.

A brancura dissimuladamente diz que existe uma suposta relação de igualdade, entre as tradições africanas e as religiões brancas. Religiões essas que se colocam como universais e não sabem conviver com o diferente, apenas aniquilar. Como poderia algo branco, que é munido de lugar de poder e universalidade, simplesmente fluir e conviver se misturando pacificamente? Na realidade o que aconteceu foi a violência e coerção de nosso povo preto. Que se viu obrigado a cultuar deuses brancos, e nomear orixás com nomes cristãos, numa tentativa de sobreviver. E

pulsando por dentro o mesmo axé e dengo por nossos orixás, que jamais nos abandonaram como Nascimento (2019) nos lembra.

Ou sobre as diversas matérias que mostram Iyalorixás e Babalorixás, sendo obrigadas a destruir seus terreiros, guias e oferendas. Com armas apontadas para suas cabeças, e ouvindo ameaças e ofensas racistas. Afinal como Sobonfu Somé (2007) nos ensina no livro "Espírito da Intimidade", sem a conexão espiritual, não existe vida. E sem encantamento pela vida, apenas caminhamos sem jornada e propósito, por isso embranquecem-nos por fora e por dentro.

Um sincretismo religioso, só pode existir para Nascimento(2019), entre tradições africanas em si e com povos pindorâmicos dessa terra, os quais e sempre se respeitaram e conviveram na luta juntos. Pois com o povo branco, nossa única relação é a de violência e colonização de nosso povo. Em 2021, após Lula poder se candidatar novamente, diversas pessoas circularam textos, onde diziam que esse homem branco, do alto de seu privilégio racial seria diversos orixás. Uma tentativa violenta de embranquecimento e apagamento ao dizer que Orixás são apenas energias e que podem ser brancos afinal.

Importante trazer o quanto se conta a partir do olhar colonial, que a Umbanda é branca e advém do espiritismo. Quando a Umbanda veio da Kimbanda e logo é preta, é magia preta como Babá Sidnei Nogueira sempre enfatiza em suas falas e Nascimento (2019) também informa em seu livro. Denunciando assim, o apagamento de nossa história e como acabamos acreditando que nossa existência vem e depende de uma salvação branca cristã colonial.

Até mesmo as oferendas para Exu na encruzilhada tentam apagar. Dizendo que são apenas alimentos para escravizados que estavam em fuga. Negando aquilo que honramos e nossa potência de abertura de caminhos. A encruzilhada é saber que temos um lugar pra voltar, para lembrar quem somos e o que não queremos ser. É não precisar da punição para ser ético, não precisar da inferiorização pois caminhamos juntos com nossos ancestrais. E esses não desejam nos punir e nem a nossa morte, desejam nossa potência, que nossos sonhos se realizem, que amemos nosso povo e saibamos conviver com o diferente. E amar, respeitar as crianças e adultos, pois nessa hierarquia num sentido africano, todo mundo tem algo para

ensinar. E nós erramos e aprendemos com esses erros, mas sempre teremos o centro da encruzilhada para voltar e construir um novo caminho. Tornando-se, assim, protagonista e recuperando a nossa história, caminhando buscando valores e condutas ancestrais, baseadas em África e não no mundo binário colonial.

6 DESVELANDO A FARSA COLONIAL E DESCOLONIZANDO

Sou descendente de escravos, vim de um povo que não construiu nada, que não realizou nada, que não contribuiu com nada. Fazer o que? O jeito é estudar a história branca e admirar a civilização que eles desenvolveram. O Dr. Umar Johnson diz que, 50% da autoestima de uma criança (seja de forma positiva, ou negativa), vai depender do conhecimento que ela recebe sobre quem foi o povo dela na história racial da humanidade. Nem preciso dizer que naquele momento, uma parte de mim (e de outras crianças pretas) morreu. (Raawiya, Akilah, 2021, Saindo da Escuridão).

A educadora Akilah, inicia seu livro com um pouco do peso que a história universal branca se pretende. As feridas imensas que ela causa nas existências de nosso povo desde a infância. E mascarar o racismo é essencial segundo a autora para isso, para manter o poder do povo branco. Ocultar a história preta segundo ela e colocar delírios coloniais no lugar. O que nos mantém ainda nesse mundo e um povo sem história não existe. Ela começa nos questionando sobre qual imagem temos quando ouvimos falar sobre o continente africano. Entendendo que na maioria das vezes, só temos imagens de pobreza, fome e miséria e os brancos salvadores. As imagens tentam construir em nosso imaginário, que somos um povo atrasado. Quando na verdade já tínhamos culturas extremamente ricas e poderosas quando os europeus chegaram.

Segundo ela, quando os europeus mudaram o berço da humanidade falsamente para o Ocidente, impuseram uma cultura universal de superioridade. Nos lembrando também que as universidades são eurocêntricas, e que as pessoas pretas saem delas reproduzindo o mesmo modelo de ensino. Tendo poucos livros que abordem o que acontecia em África antes da ascensão de Kemet. Nas palavras de Raawiya(2021, p. 6):

Segundo o brilhante cientista Cheikh Anta Diop, quando se quer oprimir um povo, há três coisas fundamentais que você deve retirar dele: sua história, seu idioma e seu fator psicológico. O fator psicológico pode ser entendido como: valores, interesses e princípios. Quando o povo opressor faz isso, logo em seguida impõe e sobrepõe sua história, seu idioma, seus valores, interesses e princípios, com a intenção de dominar e controlar.

Esse processo também se dá em parte na Conferência de Berlim, onde dividiram o continente africano entre 14 países em 1884 segundo a autora. E isso se mascara pois os brancos escreveram a maioria dos livros reconhecidos, inclusive aqueles que temos acesso nas escolas ensinando a história branca. E não adianta que esperemos que quem nos escravizou ensine e ofereça os conhecimentos que irão nos libertar. Se racismo é poder, isso é esforço planejado dos governantes para que não saibamos de nossa ancestralidade africana e poder. Temos repassada a ideia de que a África seria como um país e todos seriam iguais, mas Raawiya (2021, p. 11) alerta:

No entanto, as pessoas africanas são diferentes. Tanto na aparência quanto no comportamento. A África possui a maior diversidade linguística, fenotípica e genética do planeta. E não deveria ser uma surpresa, já que é de lá que se originou todas as coisas.

Ela também apresenta-nos que existe uma diversidade de culturas, desde a monarquia e democracia, poligamia e monogamia. Além de espiritualidades diversas que convivem entre si. Sendo para ela o povo africano que construiu a linguagem humana. Em seguida nos conta sobre os perigos da associação da ciência dominante que coloca como 40 mil anos em que o ser humano se tornou completamente consciente. Pois segundo ela se associa com a data em que ele esteve na Europa. Além da associação de que nosso primeiro ancestral seria um macaco, por saberem que o primeiro ancestral foi preto. O que inclusive levou muitos dos nossos a morte. Nas palavras dela:

Grande parte dos cientistas ainda considera o europeu moderno como o ápice da evolução humana, então eles esperam que esse ancestral se pareça fisicamente com um macaco e tenha se comportado como uma besta selvagem.(RAWAY, 2021, p. 23).

Dada essa breve introdução sobre uma história que é tão grandiosa que não caberia aqui. Assim, como algumas das mentiras e do racismo contado para nós e construções dessas imagens que nos controlam e manipulam. Seguiremos trazendo a referência de Grada Kilomba (2019) em seu livro "Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano." A autora nos introduz no livro a ideia de que precisamos sair

da posição de objeto e caminhar para nos vermos enquanto sujeitas e sujeitos que somos. Precisamos descrever nossas próprias histórias e narrá-las nos vendo enquanto parte. E ao entender o racismo cotidiano como algo atemporal, pois revive traumas do passado ela cria o diálogo entre passado e presente. Nas palavras de Kilomba (2019, p. 39):

[...] o doloroso impacto corporal e a perda característica de um colapso traumático, pois no racismo o indivíduo é cirurgicamente retirado e violentamente separado de qualquer identidade que ela/ele possa realmente ter. Tal separação é definida como um trauma clássico, uma vez que priva o indivíduo de sua própria conexão com a sociedade inconscientemente pensada como branca.

O racismo cotidiano é algo tão cruel que causa um trauma, o qual não existe preparação suficiente para isso. É uma dor tão profunda que nos leva de volta para o lugar das plantações revivendo o ciclo colonial de escravização. Primeiro utilizavam as máscaras já descritas no início desse trabalho, com o intuito de não ouvir nossas vozes dizendo o que faziam. Ela então nos lembra sobre o espaço acadêmico e a suposta neutralidade da ciência branca. Denunciando que todo mundo fala de algum lugar, mas a diferença é que os brancos não dizem que falam somente sobre si, enquanto se pretendem ser universais. Kilomba (2019, p. 50) afirma:

[...] conceitos de conhecimento, erudição e ciência estão intrinsecamente ligados ao poder e à autoridade racial. Qual conhecimento está sendo reconhecido como tal? E qual conhecimento não o é? Qual conhecimento tem feito parte das agendas acadêmicas? E qual conhecimento não? De quem é esse conhecimento Quem é reconhecida/o como alguém que possui conhecimento? E quem não o é? Quem pode ensinar conhecimento? E quem não o é? Quem pode ensinar conhecimento? E quem não pode? Quem está no centro? E quem permanece fora, nas margens?

A autora classifica o espaço acadêmico como um espaço branco de privilégio. Onde somos colocados enquanto povo, como outridade que é inferior e e desumanizados. Lembrando que sempre estivemos falando, mas que fingem não ouvir ou desqualificam nossas falas. Nossos trabalhos que falam sobre raça, são colocados muitas vezes como não científico o suficiente. Assim como o meu pode ser colocado afinal e já foi muitas vezes. Como algo pessoal demais, emocional, e específico. O esquema a seguir evidenciado por ela é essencial para nossa

compreensão:

*universal/específico;
objetivo/ subjetivo;
neutro/pessoal;
racional/emocional;
imparcial/parcial;
racional/emocional;
imparcial/parcial;
elas/eles têm fatos/ nós
temos opiniões;
elas/eles têm conhecimento/ nós temos
experiências. (KILOMBA, 2019, p. 52).*

A definição que ela dá de racismo cotidiano é a seguinte:

“O termo “cotidiano” refere-se ao fato de que essas experiências não são pontuais. O racismo cotidiano não é um “ataque único” ou um “evento discreto”, mas sim uma “constelação de experiências de vida”, uma “exposição constante ao perigo”, um “padrão contínuo de abuso” que se repete incessantemente ao longo da biografia de alguém- no ônibus, no supermercado, em uma festa, no jantar, na família.”-(KILOMBA, 2019, p. 80)

Dentro desse racismo cotidiano, precisamos nos atentar a ideia da representatividade. E o peso de ser a única pessoa preta nos espaços, a responsabilidade absurda que é colocada em nossas costas. A busca por alcançar uma perfeição que não existe e ser sempre mais que a melhor pessoa no espaço. É-nos é exigida segundo ela uma performance excelente para legitimar nossa presença naquele espaço. Sendo inclusive lembrado pela autora que o suicídio muitas vezes foi um caminho que nosso povo via de e ainda vê para diminuir e acabar com as dores do racismo. Neusa Santos Souza, aqui citada e trazida para o diálogo diversas vezes foi uma delas.

Partindo, então, para o trauma colonial e a metáfora da plantação, ela cita o caso de Kathleen, uma das entrevistadas. Que relatou ver na varanda da vizinha branca um boneco negro, que era utilizado nos Estados Unidos, como se fosse uma decoração. Revivendo assim a ideia de que num delírio colonial as pessoas pretas pertenciam aos brancos. Kathleen ao ir falar com a vizinha se questiona muito sobre como falar e ser compreendida. Mais uma marca do racismo cotidiano em nossa

vida, não deveríamos ficar questionando a forma mais calma e supostamente perfeita de falar sobre o racismo que estamos vivendo. A mulher branca então exercita o que a autora nomeia de relação triangular onde Kath fica em evidência. Trazendo um suposto amigo preto que afirma que aquilo é apenas uma homenagem fofa e não é racismo.

Vemos então novamente como mulheres brancas também usufruem de seu poder contra nosso povo. A autora afirma que nossos antepassados foram mortos e enterrados com suas histórias sendo contadas pelos brancos. E que por isso elas ainda doem em nossos corpos, temos uma memória coletiva do trauma colonial. Somos possuídas segundo ela por um evento racista que nos consome de insegurança e assombra. Sempre estamos tentando compreender o que aconteceu, ela também nos lembra que nossos antepassados foram forçados a se separar pela escravização. E que esse trauma faz com que tenhamos dificuldade de vivenciar o dengo e a ternura, temos medo do inesperado rompimento. Mas que a unidade e o dengo são formas de superação da colonialidade. Mostrando-nos novamente que somos mais resistência, somos existências carregadas de asê e a ancestralidade nos mostra caminhos.

Kilomba (2019), lembra-nos que escrever e narrar os traumas racistas é uma forma de descarregá-lo ele da mente e se libertar, para que esses fantasmas brancos parem de nos assombrar, precisamos falar sobre eles sem nenhum constrangimento e seguir em frente. Precisamos retirar a culpa de que poderíamos ter feito algo para impedir o ato racista. Precisamos parar de buscar respostas perfeitas e nos julgar por como agimos. O trauma pode ser tão profundo e o choque, que não tenhamos reação na hora.

Seus corpos são explorados como continentes, suas histórias recebem novos nomes, suas línguas mudam; e, acima de tudo, elas se veem sendo moldadas por fantasias invasivas de subordinação. Por um momento, elas se tornam colônias metafóricas. (KILOMBA, 2019, p. 225).

Ao sofrer o ataque racista, aprendemos a olhar para o público branco e muitas vezes explicar para quem nos violentou seu racismo. É como se tivéssemos ainda a obrigação de educar quem nos violentou. Ao fazer isso engolimos nossa ferida e não olhamos para ela. A autora questiona o seguinte:

Devo perguntar, por exemplo, o que você fez depois do incidente do racismo? Ou deveria, em vez disso, perguntar o que o incidente do racismo fez com você? O foco deve estar na resposta ou na reflexão? A performance em relação ao outro branco ou os sentimentos em relação a si mesma/o? (KILOMBA, 2019, p. 226).

Nos colocar enquanto vitimistas é estratégia para nos matar e manter em silêncio. O racismo nos ensina a ouvir, compreender e tentar conquistar o sujeito branco. Ela nos alerta para o chamado ciclo colonial, onde independente do que respondermos, a pessoa branca vai seguir questionando e nos mantendo numa situação violenta de reviver o trauma e se direcionar novamente para o que o branco pensa sobre nós. Racismo não é desinformação e sim desejo violento de possuir e controlar segundo ela. Negamos até o direito de sentir raiva de quem nos fere, quando ela é importante para saber colocar limites no que nos atravessa. Caminhemos para a descolonização de nossas existências, saindo da dependência da aprovação branca. Descolonizar é a ação de mudar as referências da forma de existir e pensar. Segundo Kilomba (2019, p. 238):

Todo o processo alcança um estado de descolonização; isto é, internamente, não se existe mais como a/o "Outra/o", mas como o eu. Somos eu, somos sujeito, somos quem descreve, somos quem narra, somos autoras/es e autoridade da nossa própria realidade. Assim regresso ao início deste livro: tornamo-nos sujeitos.

7 AFROCENTRICIDADE

Só a afrocentricidade pode criar uma epistemologia capaz de romper com os obstáculos criados pelos padrões eurocêtricos. A afrocentricidade pretende assegurar o papel central do sujeito africano dentro do próprio contexto histórico africano, por conseguinte, removendo a Europa do centro da realidade africana. Deste modo, a afrocentricidade promove uma ideia revolucionária porque estuda ideias, conceitos, eventos, personalidades e processos políticos e econômicos de um ponto de vista do povo negro como sujeito, e não como objeto, baseando todo o conhecimento produzido na autêntica interrogação sobre a origem- localização. Nesse sentido, é preciso entender que a afro-centricidade não pode ser reconciliada com nenhuma filosofia hegemônica ou idealista. (ASANTE, 1998, [s/n]).

A Afrocentricidade é uma crítica da dominação cultural e econômica e um ato de presença psicológica e social diante da hegemonia eurocêntrica. (...) Afrocentricidade, começa-se com a presença, isto é, o direito de africanos a estar onde quer que estejam e a reivindicar a agência na localização, no espaço, na orientação e na perspectiva. Historicamente isso significou confronto com estruturas e epistemologias opressivas. Tal desafio cultural, no entanto, desafia muito do quadro conceitual recebido que vê os africanos e, de fato, a África como marginais para a criação da realidade. (ASANTE, 2016, p. 10 -11).

A afrocentricidade segundo Asante (2009), é um pensamento, prática e perspectiva que coloca nós africanos de volta na centralidade, enquanto sujeitos e agentes de sua própria história. O autor compreende que ao sermos enquanto povo explorados e retirados de nossos territórios, fomos colocados numa situação de marginalização e passamos a pensar da forma que os europeus queriam. A partir do momento que nos colocamos novamente na centralidade do debate, modificamos essa localização, seja no sentido histórico, cultural, literário, linguístico, político ou econômico, os povos africanos são sempre vistos a partir da lente europeia. A afrocentricidade para além de ter nascido no continente ou em sua diáspora, significa ter consciência sobre a nossa agência enquanto povos africanos. Segundo Asante (2009, p.95):

[...] é importante observar o conceito de agência em oposição ao de desagência. Dizemos que se encontra desagência em qualquer situação na qual o africano seja descartado como ator ou protagonista em seu próprio mundo.

Os africanos devem ter consciência de que tem sua existência negada no mundo colonial, à qual visa destruir nosso povo, num sentido não apenas material, mas

sobretudo espiritual. A afrocentricidade se abre para refletir sobre todos os temas relacionados ao mundo africano segundo ele. Um dos pontos para caminhar de forma afrocêntrica é o interesse pela localização psicológica. Sendo o autor, quando nos referimos aos africanos como "outros", estamos nos deslocando de quem somos. Nosso objetivo é nos manter dentro e não fora da história que narramos. É necessário também termos compromisso com a descoberta do nosso lugar como sujeitos, nos eventos, textos e ideias. Sempre devemos questionar os fenômenos africanos a partir de nós e não do europeu.

Outro ponto importante que Asante (2009) nos lembra é a defesa dos elementos culturais africanos precisamos defendê-los a partir de elementos africanos. Devemos ter cuidado e compromisso com a linguagem utilizada para falar de nosso povo. O autor relata o exemplo de que tenhamos atenção ao que significa uma casa para os povos africanos e sua função, e não comparar ela com as europeias que nomeariam as nossas de "choupanas". Precisamos ter assim empenho para desvelar as mentiras e deturpações de como os europeus nos definem. Além do compromisso em com uma narrativa da história de África, rompendo com as mentiras e conspirações europeias. Como a que tenta separar Kemet de África a partir de egiptólogos racistas. Asante, nos lembra que ao dizerem que o Nilo era parte da Europa, retiravam a história verdadeira de que Kemet sempre foi terra preta e africana. Além do que os filósofos gregos aprenderam filosofia em África, tendo registros afirmando isso dos próprios.

O autor também chama a nossa atenção para a falácia de que a origem da civilização é grega. Trazendo que Diop, comprovou que a origem da raça humana ocorreu em África. Além da importância de compreendermos que existem inter-relações entre as culturas africanas, logo não podemos compreendê-las de formas fragmentadas. Asante (2009, p. 102-103) explica o que é ser afrocentrista e africano:

[...] um africano é uma pessoa que participou dos quinhentos anos de resistência à dominação europeia. Por vezes pode ter participado sem saber o que fazia, mas é aí que entra a conscientização. Só quem é conscientemente africano - que valoriza a necessidade de resistir à aniquilação cultural, política e econômica está corretamente na arena da

afrocentricidade.(...) ser afrocentrista é reivindicar o parentesco com a luta e perseguir a ética da justiça contra todas as formas de opressão humana. Em outro nível, falamos dos africanos como indivíduos que sustentam o fato de seus ancestrais terem vindo da África para as Américas, o Caribe e outras partes do mundo durante os últimos quinhentos anos. Há uma conexão africana interna, assim como uma conexão externa. Os que vivem hoje no continente constituem a conexão interna; os que vivem fora dele, a conexão externa. Os brancos do continente africanos, que nunca participaram da resistência à opressão, dominação ou hegemonia branca, são, com efeito, não-africanos. O fato de residir na África, por si só, não torna alguém africano.

O autor nos apresenta então que as tecnologias ocidentais não irão salvar o planeta, na verdade poderão aniquilar o mesmo com tanta destruição e visões anti-espirituais, pois, ao se ver como superior à natureza, destroem-na e logo destroem onde vivem, nós nos vemos como parte dessa natureza e logo devemos respeitá-la. Nossas tradições e sociedades sempre tiveram as mulheres em cargos de poder e sendo governantes. As nossas lutas devem olhar para nosso povo estejam onde estiverem. Segundo o autor as críticas sobre deixarmos dados de lado, é mais uma forma de tentar recorrer a conhecimentos coloniais e anular interações que aconteceram por falta de evidências que os europeus consideram válidas apenas. Segundo Asante (2009, p. 108):

Uma das tarefas mais desafiadoras é desmascarar a noção de que posições particularistas são universais. A Europa desfilou sua cultura como norma por tanto tempo que os africanos e asiáticos deixam de perceber a experiência europeia, seja ela da Idade Média, seja de Shakespeare ou Homero, assim como os conceitos europeus de beleza, como apenas aspectos particulares, e não universais, da experiência humana.

Segundo Ama Mazama (2009), combater o encarceramento mental que torna todos "étnicos" menos os europeus é urgente. Assim como, a construção da nossa imagem como não civilizados, primitivos etc. Denunciando que a ideia de que estamos em desenvolvimento ou em progresso é resultado da ideia racista de que somos inferiores aos europeus. Devemos reconhecer que toda ideia e teoria parte de algum lugar particular e não é neutra. O disfarce da educação acadêmica, nos torna presa fácil da supremacia branca segundo o autor.

Ele retoma conceitos de Karenga (2003), para falar de características centrais

africanas. Que são centralidade da comunidade, respeito à tradição, alto nível de espiritualidade e envolvimento ético, harmonia com a natureza, natureza social da identidade individual, veneração dos ancestrais e unidade do ser. Mas precisamos lembrar que para nosso povo, nada se cria do nada, somos continuidade e não estamos inventando a roda. Por isso compreendo que aqui estou apenas dando segmento aos ensinamentos ancestrais africanos. Devemos confiar em nossa ancestralidade e não separar a espiritualidade de nosso físico. Caminhar em comunidade e questionar nossa forma de amar, comer, se relacionar, etc é caminho da afrocentricidade. Precisamos ter o compromisso de libertação de nossa comunidade por inteira.

Mazama(2009, p.124) traz a seguinte crítica ao feminismo:

[...] o feminismo é fundamental um fenômeno europeu. Como tal, está carregado de princípios metafísicos europeus, tais como a relação conflituosa entre os gêneros, em que os homens são vistos como inimigos das mulheres. Em segundo lugar, o feminismo, tal como se desenvolveu na década de 1880, era francamente racista.

O autor finaliza nos lembrando que não devemos esperar que as escolas brancas nos eduquem. Pois elas constroem imagens negativas em nossas cabeças sobre nós mesmos. E nem cair nas armadilhas coloniais que separam homens e mulheres africanas. Precisamos assim caminhar enquanto comunidade e olhar para nosso passado para construir o presente e o futuro. Assim como Sankofa nos ensina.

8 QUILOMBISMO

Genuínos focos de resistência física e cultural. Objetivamente, essa rede de associações, irmandades, confrarias, clubes, grêmios, terreiros, tendas, afochês, escolas de samba e gafieiras foram e são os quilombos legalizados pela sociedade dominante; do outro lado da lei se erguem os quilombos revelados que conhecemos. Porém tanto os permitidos quanto os "ilegais" foram uma unidade, uma única afirmação humana, étnica e cultural, a um tempo integrando uma prática de libertação e assumindo o comando da própria história. A esse complexo de significações, a essas praxis afro-brasileira, eu denomino quilombismo. (NASCIMENTO, 2009, p. 203).

Para Nascimento (2020) o quilombismo é um saber ancestral africano que é também um conceito científico. E logo deve receber sim o mesmo prestígio e credibilidade que os ocidentais dizem ter. Lutando por igual respeito por religião, crianças, natureza e muitos antes de qualquer diálogo sobre reserva de vagas para mulheres, pautava a igualdade e sempre lembrando das africanas com muito dengo e assunto de extrema importância. Segundo, Nascimento(2020, p. 258):

Sendo o quilombismo uma luta anti-imperialista, se articula ao pan-africanismo e sustenta radical solidariedade com todos os povos em luta contra a exploração, a opressão, o racismo e as desigualdades motivadas por raça, cor, religião ou ideologia.

Tendo princípios como a implementação de um Estado Nacional Quilombista, inspirado em República dos Palmares e outros quilombos. Nascimento (2020, p. 262-263):

O negro trouxe até à última gota os venenos da submissão imposta pelo escravismo, perpetuada pela estrutura do racismo psicossócio-cultural que mantém atuando até os dias de hoje. Os negros têm como projeto coletivo a ereção de uma sociedade fundada na liberdade, na justiça, na igualdade e no respeito a todos os seres humanos; uma sociedade cuja natureza intrínseca torne impossível a exploração econômica e o racismo; uma democracia autêntica, fundada pelos destituídos e deserdados deste país, aos quais não interessa a simples restauração de tipos e formas caducas de instituições políticas, sociais e econômicas as quais serviriam unicamente para procrastinar o advento de nossa emancipação total e definitiva, que somente pode vir com a transformação radical das estruturas vigentes. Cabe mais uma vez insistir: não nos interessa a proposta de uma adaptação aos moldes da sociedade capitalista e de classes. Esta não é a solução que devemos aceitar como se fora mandamento inelutável. Confiamos na idoneidade mental do negro, e acreditamos na reinvenção de nós mesmos e de nossa história. Reinvenção de um caminho afro-brasileiro de vi da fundado em sua

experiência histórica, na utilização do conhecimento crítico e inventivo de suas instituições golpeadas pelo colonialismo e pelo racismo. Enfim, reconstruir no presente uma sociedade dirigida ao futuro, mas levando em conta o que ainda for útil e positivo no acervo do passado.

O autor acredita numa base de economia comunitário-cooperativista e na distribuição dos resultados de forma coletiva. Considerando a terra uma propriedade nacional para uso coletivo. Rompendo assim com o sistema capitalista de acumulação de capital. O trabalho é para ele direito e obrigação social as crianças africanas devem receber para o autor toda a atenção em amparo de alimentação, moradia, creches, pré-natal e o entendimento desse cuidado em comunidade. A história da África, das culturas, civilizações e toda a grandiosidade de nossa história deve estar para ele na educação em todos os graus que deve ser gratuita. Além de propor a "Semana da Memória Afro-Brasileira", entendendo a importância de sabermos nossa história e tudo que aconteceu. Nascimento (2020), compreende as artes como algo fundamental para romper com o mecanicismo e embrutecimento que a colonização nos causou.

Tampouco nos interessa o uso ou a adoção de slogans ou palavras de ordem de um esquerdismo ou democratismo vindos de fora. A revolução negra produz seus historiadores, sociólogos, antropólogos, pensadores, filósofos e cientistas políticos. Tal imperativo se aplica também ao movimento afro-brasileiro. (NASCIMENTO, 2020, p.263).

Nas palavras de Abdias (2020), o quilombo não é espaço de fugitivos e sim reunião fraterna e comunidade, de convivência africana livre. Caminhando assim com respeito a natureza e a quem somos, nosso ancestral nos mostrou um caminho grandioso. Acreditamos que enquanto povo construímos caminhos, e logo não caminhamos só.

9 MULHERISMO AFRICANA

Nas palavras de Nah Dove(1998, p. 4):

Eu especificamente abordo a cultura como arma de resistência e como base para a definição de uma nova ordem mundial. Enfatizo a validade das experiências de mães, que olham para a sua reAfricanização³ como a solução para as desafiante estruturas sociais alienígenas e inadequados valores e comportamentos entre homens e mulheres Africanos. À luz disto, eu uso o termo Africano para definir povos Africanos e sua diáspora, porque há uma crença de que nós, apesar de nossas experiências diferentes, estamos ligados à nossa memória cultural e espiritualidade Africana e podemos a qualquer momento nos tornarmos conscientes de sua importância para nossa Africanidade e futuro.

Para falarmos sobre mulherismo africana, precisamos nos entender enquanto africanos. É importante trazer que o mulherismo africana, dialoga totalmente com a afrocentricidade. A autora tem a preocupação em construir uma teoria que abranja todas as mulheres africanas e nos liberte enquanto povo. Trazendo a crítica tanto ao feminismo branco como o negro, por serem ainda teorias eurocêntricas que não caminham enquanto comunidade. Ela inicia dizendo que não é mais caminho que nos definamos a partir de conceitos eurocêntricos de raça. Como por exemplo: negra, marrom, amarela, vermelha e branca. E define essa instituição europeia que busca nos destruir como supremacia branca. Segundo ela:

[...] a prioridade é dada à raça como uma construção social, porque a opressão racista/supremacia branca para mulheres, homens e crianças Africanos tem precedência sobre e afeta a natureza das opressões de gênero e de classe. No entanto, também será argumentado que o patriarcado europeu está na base das desigualdades sociais do Ocidente que afetam as mulheres e os homens africanos de forma igualmente perversas.(DOVE, 1988, p. 5).

A autora defende que um conflito de culturas entre os povos europeus e africanos foi o que teria facilitado a dominação européia sob nosso povo. Trazendo que apesar das pluralidades, nosso povo tem uma unidade cultural africana. E foi essa unidade que nos manteve existindo e vai continuar. O conceito de Teoria do Berço de Diop (1959,1990) é para a autora essencial para compreender o matriarcado africana. Nas palavras de Dove (1998, p. 7 – 8):

[...] dois berços distintos de civilização – o berço sul é a África, e o berço do norte é a Europa criaram os modos de estruturas sociais quase antitéticas entre si. África, onde a humanidade se iniciou, produziu sociedades matriarcais. Com o tempo, a migração dos povos para o clime do norte produziu sociedades patriarcais centradas no sexo masculino. Diop desafia teorias europeias evolucionistas que afirmam que o matriarcado é um estágio inferior no desenvolvimento humano e na organização social. Muito simplesmente, ele atribui matriarcado para um estilo de vida agrária em um clima de abundância e patriarcado às tradições nômades decorrentes de ambientes agressivos. O conceito de matriarcado destaca o aspecto da complementaridade na relação feminino-masculino ou a natureza do feminino e masculino em todas as formas de vida, que é entendida como não hierárquica. Tanto a mulher e o homem trabalham juntos em todas as áreas de organização social. A mulher é reverenciada em seu papel como a mãe, quem é a portadora da vida, a condutora para a regeneração espiritual dos antepassados, a portadora da cultura, e o centro da organização social.

Sendo importante trazer que ser mãe está além do sentido biológico ocidental. É um lugar de muito valor materno nas tradições africanas. Uma pessoa que tenha sido carinhosa pode conosco, pode ser nossa mãe. Olhemos para os terreiros onde temos várias mães, pais, irmãs e irmãos. Esse cuidado não se limita então às mães ou mulheres como na sociedade ocidental, a qual mulheres são um peso que deve seguir o homem. Segundo a autora existira um terceiro berço, que seria o encontro dos dois primeiros. Localizando-se onde hoje é o Oriente Médio, com a invasão Indo-Europeia, vieram as religiões islâmicas, judaicas e cristãs. Que colocam sua imposição no masculino e logo as deusas femininas africanas foram sendo destruídas. A autora afirma que a xenofobia foi marco central para a dominação europeia trazendo que a ideia de superioridade branca é anterior e ajudou a construir bases para o capitalismo. Com a ideia absurda de pela falta de melanina serem superiores.

Segundo Dove(1998, p. 13):

[...] embora seja possível relacionar a composição genética de um povo a um grupo cultural, no geral, a cultura vai determinar o jeito que um povo se enxerga e, por isso, se comporta. Através de um processo de dominação e aculturação, é possível produzir pessoas europeizadas, quais geneticamente pareçam Africanas, mas cujas mentes tenham sido encarceradas por conceitos, valores e crenças eurocêtricos. Tais mulheres e homens, se forem incapazes de obter um entendimento sobre quem eles sejam, muito provavelmente acreditarão na fabricação europeia da inferiorização cultural e genética de populações Africanas.

Dessa forma, a autora nos mostra que o patriarcado é branco e por mais que homens africanos possam reproduzir esses valores violentos. Eles não estão numa posição de poder no patriarcado. Ela trabalha o exemplo da dominação ariana frente ao hinduísmo, cujo sistema de castas baseado não no trabalho e sim na cor da pele, em que os pretos ficam na posição de intocáveis, sendo vistos como aqueles que poluem a Terra. Ao mesmo tempo em que colocam as mulheres como não intelectuais e incapazes, mostrando assim, a relação direta das culturais ocidentais com o patriarcado que por si só é branco.

De acordo com Dove(1998, p. 16):

Se o impacto das pessoas Afrikanas na Europa inculcou um medo dentro do cristianismo do conhecimento dos Mouros e sua conexão com a negritude, também deve ter transmitido um medo sobre o poder e o papel das mulheres Africanas, porque, naquele tempo, a fé islâmica praticada pelos mouros Africanos na Espanha ainda mantinham influências matriarcais, em oposição ao patriarcado do cristianismo católico.

Dove (1998), evidencia que a supremacia branca tem medo do poder e potência do matriarcado africano, pois carregamos uma potência e forma de existir e se relacionar que envolve caminhar enquanto comunidade, no qual desde a criança até os mais velhos são importantes e parte. Nossa história, segundo ela, é de rainha e governantes africanas, escolas que tinham advogadas, médicas e professoras africanas. Somos parte de tradições onde somos guerreiras, líderes espirituais, militares e políticas. Não ficamos sentadas sendo abanadas e enfeitadas em casa. Lutamos juntamente com nosso povo e temos um lugar de centralidade em nossa comunidade. Tomemos o exemplo de Auset, que foi em busca dos pedaços de seu companheiro e fez a primeira mumificação, além de governar enquanto seu companheiro estava em jornada. O poder sempre esteve com as africanas, o feminino e masculino se complementam para nós.

Contemporaneamente à queima das bruxas, para facilitar a expulsão dos povos Africanos e sua influência, a Inquisição foi projetada pela Igreja Católica para purgar a terra de não-cristãos, queimando os assim chamados hereges. É lógico supor que os hereges eram principalmente mulheres e homens Africanos os que lhes fossem associados. (DOVE, , 1998, p. 17)

Esse trecho da autora desvela que quando falamos sobre as tais bruxas

queimadas, elas eram mulheres e homens africanos. Tendo em vista a natureza xenófoba gritante dos europeus. Sendo importante que olhemos para os ataques que vem de fora. Mas também entendamos que infelizmente homens e mulheres africanas, a partir da colonização da supremacia branca, reproduzem violações contra nosso próprio povo. O nosso compromisso de nutrir nossa comunidade e caminhar juntos é necessário.

10 OSÚN E AS ÁGUAS QUE CORREM. SEJAMOS CORRENTEZAS!

Uma profundidade que não pode ser
 parada, Por isso, me retiro do raso.
 Uma grandeza tão imensa,
 Por isso, não posso ser inteira de
 ninguém. Uma sabedoria ancestral que
 ecoa,
 Por isso, não permaneço em
 silêncio. Um falar que encanta,
 Por isso, enuncio sem
 constrangimento. Uma escrita que
 inunda,
 Por isso, deságua nas
 linhas. Um sonhar que é
 poder,
 Por isso, não deixo que retirem meu sonho.
 Um sentir que é imensidão,
 Por isso, me permito estar
 conectada. Uma história de
 ancestralidade,
 Por isso, sou eu quem
 conto. Um olhar que não é
 só pra si,
 Por isso, entendo que os meios
 importam. Uma correnteza que segue,
 Por isso, encontro o caminho.
 Uma mãe que lava as jóias
 primeiro, Por isso, me denço.
 Um dançar que me liberta,
 Por isso, permaneço
 comigo. Uma coragem que
 impulsiona, Por isso,
 ninguém me para.
 Uma água que nutre,
 Por isso sou
 correnteza.
 Um espelho que reflete a si e ao
 mundo, Por isso, quebra os
 desencantos.
 Uma simplicidade que vale ouro,
 Por isso, sabe que o maior ouro está em
 si. Um denço que cura,
 Por isso, segue sendo denço.
 Osún é rainha, e honro sua grandeza mãe.
 Ora yê yê ô Osún -(Santos, Maria Lorrana Melquiades dos, 2021, Osún)

Começo a grandiosidade dessa parte, partilhando uma poesia minha. Osún
 me ensinou que como sua filha preciso sempre deixar as águas correrem. Por isso

eu escrevo muitas poesias e principalmente sobre meu dengo por minha mãezinha. Osún segundo Akotirene (2019)) é a construção de poder materno, em nossa tradição Yorubá, Iya significa maternidade ou seja, Iyabá significa mãe, sendo categoria estruturante de nosso povo. Tendo um lugar que não é retirado jamais pelos arranjos coloniais.

Segundo Akotirene(2019, [s/n]):

Na família de candomblé, modelo de resistência negra, não-nuclear, refeita por laços de afeto, os vínculos não são bio-lógicos; a mãe, Iyalòrisà, carrega os valores culturais numa construção cultural fêmea, ela não é nata ou inferior por ser mulher inventada. A mulher torna-se mãe ao "casar-se" em cerimônia com a ancestralidade, independentemente da anatomia sexual corporificada. Naquele rito seus filhos não necessariamente têm laços sanguíneos.

Nossa tradição nos coloca num lugar de extrema importância e respeito, seja no espaço público ou privado. Rompendo com a ideia colonial de que Osun é narcisista e que seria uma suposta deusa vênus africana, essas descrições são um desrespeito ao cosmosentido africano. Digo aqui sentido pois como Oyerónke ensina, utilizamos muitos sentidos para além da visão ocidental. Segundo Akotirene(2019, [s/n]):

A este respeito lembremos de Lélia Gonzalez, filha de Osun, espelho Iyalódè que lutou pela necessidade antirracista do "lixo falar" e de orientarmos as nossas intelectualidades domésticas no espaço público, afinal, Narciso é autoadorador da Europa, Osun é adorada em África. Osun vive na oralidade e na escrita dispostas a traduzirem a beleza das mulheres negras, a sabedoria, a inteligência, a habilidade na administração das riquezas e dentro das ciências sociais; uma deidade maior que os equívocos linguísticos e conceituais sobre corpo, maternidade e destino biológico, duma perspectiva propagada pelo olhar branco- etnográfico e masculinista de Pierre Verger.

Osun é fonte como a irmã Akotirene diz, o olhar branco cria uma visão que nos apequena e aprisiona. Enquanto grandes potências, Osun é aquela que lidera as mulheres africanas, que é necessária para que a vida exista. Aquela que vai à rua e luta, que derruba um exército sem derrubar uma gota de sangue, pois tem esperteza e caminhos grandiosos, mas se for preciso vira tromba d'água para lutar em comunidade. Assim como não é possível dizer que Osun seria parecida com alguma santa cristã.

Akotirene (2019, [s/n]), lembra-nos que as traduções racistas de que Osun tem medo de chocar a opinião pública e é narcisista. Foge totalmente do que Osun é, nas palavras dela:

[...] Osun faz parte da resistência dos escravizados trazidos pelas águas, das conexões religiosas e da espiritualidade cumpridoras da missão de fazermos-nos viver belas, autônomas, fortes suficientemente para carregar o ouro não somente por causa do brilho, mas pelo peso do valor de todas nós intelectuais(...)bem longe de estereótipos da dondoca, frágil, superficial.

Dialogando com a Iyalorixá Sueide Kintê, compreendo Osun como multidimensional, um profundo conhecimento sobre si e com imenso poder de criação. Ela não é somente dona de ouro mas ela é bronze. Omoloji Àgbára Dúdú (2021) em seu projeto "NagôDengo", lembra-nos que Osun é dengo entre pessoas africanas.

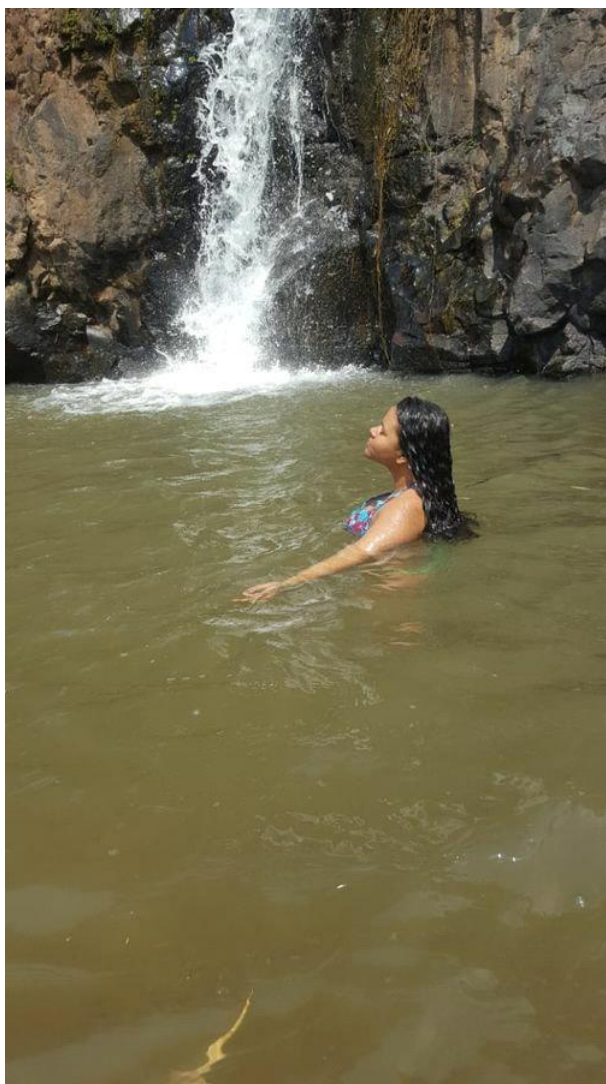
Ao chegar nessa parte de minha jornada que não é só, as águas que correm em cada pedaço de minha existência escorrem. Superar as vozes dos ruídos coloniais, das violações que não são sobre minha existência grandiosa, só foram possível porque Osún sempre esteve comigo. Não poderia deixar de honrar minha grande mãezinha. Osún disse que eu prosperaria e que seria feliz, e por isso escrevo com meu dengo escorrendo por toda parte. Para que esse asê inunde e nutra nossa comunidade africana. Desejo que sejamos sempre correntezas, que coloquemos para correr as águas paradas, que não permitamos que ninguém contamine nossas águas. A água nutre nossa existência e nos renova, por isso sigo acreditando em nossa comunidade. Que iremos prosperar e vivenciar o dengo, que iremos nos permitir ser dengadas, permanecer onde exista reciprocidade e trocas grandiosas.

Desejo que denguemos nossas crianças africanas, e vejamos nelas a potência dos ancestrais do futuro. Que rompamos com as práticas de dor coloniais, que tenhamos dengo por nós mesmas e mesmos. Nenhuma pedra é capaz de parar as águas de nossa grande mãe Osún.

Acredito que assim como Héloa (2017) diz no documentário grandioso "Eu, Oxum" produzido pela mesma. "O que nos veste é o brilho de orixá que sai de dentro para fora. E o brilho que vem de dentro ninguém pode nos tirar, a simplicidade é grandiosa e ainda seguiremos brilhando". O colonialismo jamais poderá destruir

nossa ancestralidade e a potência ancestral da continuidade. Lembremos de nos cuidar enquanto comunidade, de romper com perspectivas coloniais. E de quando precisar deixar que as águas corram nos rios e cachoeiras. Osun sempre nos nutrirá de sonhos e determinação para viver em encantamento pela vida. Um povo que sonha é extremamente poderoso! Asè!

Imagem 1 — Osún, Sejam Correntezas!



Fonte: Santos (2019)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho se iniciou com Exu o grande orixá que abre os caminhos, e peço novamente ao senhor, que siga abrindo os caminhos de nossa comunidade. Ao mostrar a importância do compromisso que devemos ter com a palavra e nos propondo a viver na encruzilhada. Que sempre nos possibilita retornar e fazer novos caminhos assim. Que nos permite vivenciar e conhecer o mundo com felicidade e verdade. Que nos permite trocar através da oralidade e das águas que vivem em nossa saliva poderosa com seu asê.

O mesmo que me deu forças e caminhos abertos, para enunciar sem constrangimento e romper com uma prática racista do curso de Serviço Social. O orixá que me lembra de ser uma criança brincando no mercado, e de não carregar as feridas coloniais em meu Ori. Por isso esse trabalho nada mais é que os caminhos que trilhei para romper com a ideia branca colonial que me foi imposta nas salas de aula. A ideia de que eu precisaria ser salva e viver buscando quem me salvasse ao mesmo tempo. Tampouco, vejo-me mais como aquela que não possui poder, e que luta para ser escutada pelos brancos. Rompo com os pactos coloniais, sigo não me vendo mais como quando entrei. Antes me via como resistência somente, que precisa existir em nome de um curso que me ensinava a reproduzir palavras em vão. Palavras que perdiam o compromisso com a verdade e minha ancestralidade.

Ao desvelar a colonialidade e as máscaras coloniais que tentam nos impor. A farsa do mundo colonial branco e a modernidade, que significa o rompimento com nossa ancestralidade. Ao mostrar a busca do ser branco inatingível, as feridas que ecoam cotidianamente e as violações contra nossas tradições. Ao desvelar que o poder dos brancos é somente econômico e político partidário, e que temos poder cultural. Que temos forças para caminhar e construir de outras formas, não precisamos desejar ser o branco e nem viver como eles vivem. Ocupar espaços para que saibam que existimos, e se ferir fazendo isso é desencantamento. É viver para o branco e tendo ele como régua. Que nos lembremos que temos potência apesar de terem nos retirado de nossos territórios, refizemos aqui os terreiros, quilombos, sambas, rap, e tantas outras formas de expressar e manter nossas tradições vivas,

pois enquanto nossa boca enunciar e lembrar de quem veio antes, existiremos. Nosso povo construiu caminhos como a afrocentricidade, quilombismo, mulherismo africana, dialética de Exu, Oxuísmo e tantos outros como pan-africanismo, nacionalismo preto etc. Lembremos de procurar caminhos, pois eles existem, meu trabalho foi nutrir aqui minha comunidade com toda a coragem e determinação epistêmica e ancestral que Osun e Oyá me dão.

Retiremo-nos, assim, do lugar de desagência, nos coloquemo-nos enquanto parte e falemos de nossas existências sem medo e constrangimento. Retiremos a ideia de que precisamos permanecer em ciclos de dor. Nossos ancestrais querem-nos dançando e sorrindo, nos querem prosperando enquanto povo. Cuidemos de nossas cabeças, corações e condutas, para manter nossa jornada grandiosa. Construámos conhecimentos e saberes poderosos, a conduta enquanto comunidade me manteve aqui. Adupé!

Finalizo com a frase de Akilah Raawiya (2021): "Estudar história serve para tirar lições do passado, aplicar no presente e construir um futuro melhor." Sendo assim o ensinamento que Sankofa, o pássaro adynkra com o bico voltado para trás, sempre nos lembra. Precisamos olhar para o passado, lembrar de nossa ancestralidade, que somos continuidade e carregados de asê, determinação e sonhos caminhar. Caminhar com a leveza de um Ori que faz boas escolhas e é sábio, um Ori que não se separa do coração. Somos um povo grandioso só precisamos ser lembrados disso.

IMAGEM 2 — Sankofa



FONTE: Adynkra

Asè!

REFERÊNCIAS

AGBARA, Omolaji. **Oxum é a mais estrategista das orixás**. Instagram: NagôDengo.

Disponível em: https://www.instagram.com/p/CVI_NjGPPL8/. Acesso em: 16 jan. 2022.

AGBARA, Omolaji. **Oxum é a manifestação de todo amor**. Instagram: NagôDengo.

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CWO9yPrP-jB/>. Acesso em: 16 jan. 2022.

AGBARA, Omolaji. **Oxum é a senhora que tem poder de fazer nosso rio íntimo transcorrer**. Instagram: NagôDengo. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CRKFODUn5CQ/>. Acesso em: 16 jan. 2022.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Pólen Produção Editorial LTDA, v. 3, f. 76, 2019. 152 p.

AKOTIRENE, Carla. **Osun é fundamento epistemológico**: um diálogo com Oyèronké Oyèwúm. Carta Capital. 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opinioao/osun-e-fundamento-epistemologico-um-dialogo-com-oyeronke-oyewumi/>. Acesso em: 16 jan. 2022.

AKOTIRENE, Carla. **Ó Pa Í, Prezada**, f. 128. 2020. 256 p.

ASANTE, Molefi. **Afrocentricidade como Crítica do Paradigma Hegemônico Ocidental: Introdução a uma Ideia**. Tradução Renato Nogueira. 2016. 10 p.

Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/molefi_kete_asante_-_afrocentricidade_como_cr%C3%ADtica_do_paradigma_hegem%C3%B4nico_ocidental._introdu%C3%A7%C3%A3o_a_uma_ideia.pdf. Acesso em: 16 jan. 2022.

ÀGBÁRA DÚDÚ, Omolójí. **Pan-africanismo não é sobre ter brancos e brancas como aliados**. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CQRSedOhMnI/>. Acesso em: 16 jan. 2022.

BRUM, Eliane. **Um negro em eterno exílio**. EL PAÍS. 2015. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/31/opinion/1441035388_761260.html. Acesso em: 16 jan. 2022.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**, f. 170. 2004. 340 p.

CESAIRE, Aime. **Discurso Sobre O Colonialismo**, f. 68. 2020. 136 p.

DOVE, Nah. **Mulherisma Africana: Uma Teoria Afrocêntrica**. Tradução Wellington Agudá. JORNAL DE ESTUDOS NEGROS,, 1998.

Elninõ, Thiago. – **Correnteza**. Parte 2-2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_biixLLCR6o. Acesso em: 16 jan. 2022.

Elninõ, Thiago & Rincon Sapiência. **Homem Preto Vestido de Branco**. Independente. (04:27).

EU, OXUM. **Héloa e Martha Sales**. 2016. Documentário (22:23m). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=x_uMMWbpXgl. Acesso em: 16 jan. 2022.

FANON, Frantz. **Os Condenados Da Terra**, f. 138. 1978. 275 p.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. SciELO - EDUFBA, v. 2, f. 97, 2007. 194 p.

FELICIANO, Marco. **Africanos descendem de ancestral amaldiçoado por Noé...** Twitter, 30 mar. 2011. Twitter, 2011. Disponível em: . Acesso em: 16 jan. 2022.

GERALDO FILME. **Vá cuidar da sua vida**. 1980. (03:01).

GILROY, Paul. **Entre Campos: Nações, Culturas E O**. Annablume, v. 1, f. 207, 2006. 414 p.

GILROY, Paul. **O atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Editora 34, v. 1, f. 214, 2020. 427 p.

KI-ZERBO, Editor Joseph. **História Geral da África – Vol. I – Metodologia e**

pré- história da África. UNESCO, f. 465, 2009. 930 p.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação:** episódios de racismo cotidiano. Editora Cobogó, v. 3, f. 125, 2020. 249 p.

KINTÊ, Sueide. **O QUE A PALAVRA Òşun significa?**. Instagram: sueidikinte. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CYM7NfShiTH/>. Acesso em: 16 jan. 2022.

KINTÊ, Sueide. **O QUE ELA É?**. Instagram: sueidekinte. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CXwnFw7h2y9/>. Acesso em: 16 jan. 2022.

KINTÊ, Sueide. **O que sua fala tem a ver com a água?**. Instagram: sueidekinte. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CYPRu_Jh7DJ/. Acesso em: 16 jan. 2022.

KINTÊ, Sueide. **ONDE VOCÊ CURA A DOR DAS RUPTURAS?**. Instagram: sueidekinte. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CYjUClehCqU/>. Acesso em: 16 jan. 2022.

KINTÊ, Sueide. **QUER AMOR OU ENGANANÇA?**. Instagram: sueidekinte. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CYZYhpqhp9x/>. Acesso em: 16 jan. 2022.

KINTÊ, Sueide. **VÊNUS AFRICANA SERÁ?**. Instagram: sueidekinte. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CYRij4AhbkX/>. Acesso em: 16 jan. 2022.

LOPES, Nei. **Filosofias Africanas:** UMA INTRODUÇÃO, f. 72. 2020. 144 p.

GRILO, Nathalia. MERCADOS NAGÔS NO BAIXO DAOMÉ: **Mulher Negra e Empreendedorismo**. Nathalia Grilo. Latinidades Pretas. 2020 (29:17m). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ymxdjJt6hK0>. Acesso em: 16 jan. 2022.

MC THA. **Valente**. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e-aEr8jDilo>. Acesso em: 16 jan. 2022.

MERCADOS Tradicionais Africanos com Nathalia Grilo. Nathalia Grilo Cipriano. Sesc Brasil. (29:55m).Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9ytt0-lsKXY>. Acesso em: 16 jan. 2022.

MOORE, Carlos. **O Marxismo e a questão racial**: Karl Marx e Friedrich Engels frente ao racismo e à escravidão, f. 66. 2009. 132 p.

MOREIRA, Adilson. **Racismo Recreativo**. Pólen Produção Editorial LTDA, v. 3, f. 112, 2019. 224 p.

NASCIMENTO, Abdias. **O Genocídio do Negro Brasileiro**: Processo de um Racismo Mascarado. Editora Perspectiva S.A., v. 3, f. 116, 2016. 232 p.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**, f. 196. 2019. 392 p.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Afrocentricidade**: Uma abordagem epistemológica inovadora. Selo Negro, v. 3, f. 200, 2013. 400 p.

NASCIMENTO, Vinícius . **Mãe Gilda: vida e morte de luta e resistência contra a intolerância religiosa**. Jornal Correio 24horas. 2020. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/mae-gilda-vida-e-morte-de-luta-e-resistencia-contra-a-intolerancia-religiosa/>. Acesso em: 16 jan. 2022.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância Religiosa**. Pólen Produção Editorial LTDA, v. 3, f. 83, 2020. 166 p.

ODARA, Obirin. **HOJE O RACISMO NÃO VENCEU**. Instagram: naomecolonize. Disponível em: <https://www.instagram.com/naomecolonize/>. Acesso em: 16 jan. 2022.

OSÚN. Maria Lorrana Melquiades dos Santos. Maria Lorrana Melquiades dos Santos. 2021 (2minutos e 17 seg). Disponível em: https://www.instagram.com/tv/CUiSlrnFnsJ/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 16 jan. 2022.

OYEWUMI, Oyeronke; OYẸWÙMÍ, Oyèrónkẹ̀; MÍ, Oyèrónkẹ̀ Oyěwu. **The Invention of Women**: Making an African Sense of Western Gender Discourses. U of Minnesota Press, f. 115, 1996. 229 p.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ. **A invenção das mulheres**: Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, v. 3, f. 162, 2021. 324 p.

PASSADO PRESENTE E FUTURO. [Locução de]: AFROFUTURO. [S.l.], 8 mai. 2020 *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/3r4oXdzrqRt6DPmg3OKw4T>. Acesso em: 16 jan. 2022.

RAAWIYA, Akilah. **Saia da escuridão**. 2021. 137 p.

RACIONAIS, Mc. **Negro Drama**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C6qJhhSUsgc>. Acesso em 16 jan. 2022.

RACIONAIS, Mc. **Vida Loka, Parte II**. 2006. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Fu5kcgz73TY>. Acesso em 16 jan. 2022.

RAMOS, Débora Oliveira. **ESTADO BRASILEIRO, DISPOSITIVO DE COLONIALIDADE E SEGURIDADE SOCIAL: entre fazer e deixar morrer a população negra**. BRASÍLIA, 2019 Tese (PÓS GRADUAÇÃO POLÍTICA SOCIAL)
- Universidade de Brasília.

RIBEIRO, Katiúscia. **(RE)ANCESTRALIZAR as vozes através das filosofias africanas**. 2019 (15m36s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7rsIUDAMJl4>. Acesso em: 16 jan. 2022.

SANTOS, Maria Lorrana Melquiades dos . **Osún e as águas que correm, Sejam Correntezas!**. 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2250237348437122&set=pb.100003526350449.-2207520000..&type=3>. Acesso em: 16 jan. 2022.

SENA, Omoloji. **Por quê os brancos transformam as culturas africanas em religião?**. Instagram: NagôDengo. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBEXvcLn06S/>. Acesso em: 16 jan. 2022.

SILVA, Juliana. **Personalidades Negras- Mãe Gilda**. Palmares Fundação Cultural. 2014. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/?p=34790>. Acesso em: 16 jan. 2022.

SOME, Sobonfu. **The Spirit of Intimacy**: Ancient Teachings In The Ways Of Relationships. Harper Collins, f. 80, 2000. 160 p.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social, f. 44. 1983. 88 p.

TRUTH, Sojourner. **E não sou uma mulher?**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>. Acesso em: 2 dez. 2020.